

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso
Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

Clémence Janssens (FFLCH)

Introdução:

As relações internacionais são orientadas pelos desafios atuais que a nossa sociedade enfrenta. Estes evoluem de acordo com crises e épocas. Distinguir essas tendências e riscos também significa entender a sociedade como um todo. De fato, em um mundo sempre mais interconectado, a globalização também gera temas que se tornam comuns à sociedade internacional. A primeira parte do curso de Temas e Prática em Relações Internacionais tentou, através de palestras sobre diferentes temas, de sintetizar as maiores questões da nossa sociedade do século XXI graças a visão de atores muito diferentes. Isso dá uma resposta multi-nível para a seguinte questão: Quais são as tendências globais e os riscos da nossa sociedade atual?

Esta questão principal será abordada através de duas partes. A primeira será uma introdução aos ensinamentos de Pedro Dallari dedicados a organizações internacionais, bem como a exposição de Jacques Marcovitch sobre o futuro do Brasil. Estes dois artigos servem como “background” teórica para tentar obter uma visão mais crítica das apresentações propostas na parte seguinte.

A segunda parte será mais focado nas tendências e questões específicas apresentadas pelas palestrantes durante o semestre. Eles serão agrupados de acordo com seus temas: Em primeiro lugar, as questões climáticas apresentadas por Thelma Krug (IPCC). Em segundo lugar, os vários aspectos das tendências migratórias descritos por Maria Beatriz Nogueira (ACNUR), Stephane Larue (Consul Geral do Canadá e São Paulo) e Marília Bonas (Memorial da Resistencia). Finalmente, o tema dos conflitos armados e a promoção da paz no relatório de Sergio Vieira de Mello. Para concluir, uma crítica geral será proposta como uma conclusão para sintetizar as diferentes questões fixadas individualmente em cada tópico. O objetivo deste ensaio não é resumir os argumentos das palestras ou as leituras recomendadas, mas sim desenhar um

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

retrato crítico global das questões sobre a situação mundial atual através da minha visão de estudante em Relações Internacionais realizando um intercâmbio no Brasil.

I. Primeira Parte:

1. Origens e características das organizações multilaterais

O primeiro curso apresentado por Pedro Dallari foi dedicado a compreensão das organizações internacionais e seu funcionamento. Esta introdução ao assunto foi um início lógico para o curso de Temas e Práticas em Relações Internacionais. De fato, nossa sociedade atual tem uma velocidade de transformação cada vez mais rápida, que requer uma crescente interconexão entre países e uma uniformização de regras para otimizar essa integração em escala global. Esses dois fatores principais são os mais importantes das organizações internacionais.

Uma Organização Internacional (OI) é identificada através de três características principais: Em primeiro lugar, ela é formada por estados ou outra OI. Em segundo lugar, é instituído por um tratado. Finalmente, tem uma personalidade jurídica internacional. Além disso, um OI também é distinguido pelo seu tipo de funcionamento (OI centrado em uma área geográfica específica ou um tópico específico), pela sua estrutura interna (órgãos e operação da organização) e também por suas atribuições e poderes atribuídos. No entanto, governar a vida internacional de um ponto de vista supranacional é ainda mais complicado hoje, porque requer uma gestão delicada do conceito de soberania do Estado. Na verdade, é este curso teórico que dá uma boa introdução ao tema deste ano: tendências e riscos globais.

Como podemos ver no resto deste trabalho, as diferentes apostas do mundo atual são compartilhadas entre uma resolução global e comum. Mas, por outro lado, essas

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

tendências também estão sujeitas a conflitos de interesses entre os Estados quanto à assunção de responsabilidade, mas também aos esforços a serem feitos em um contexto em que outro país pode adotar uma atitude de “Free-rider”.

É essa tensão que será perfeitamente ilustrada através dos três temas da segunda parte. De fato, as negociações climáticas, bem como o gerenciamento da crise migratória ou mesmo a realização da paz internacional, são áreas em que os estados estão ao mesmo tempo prontos para colaborar no cenário internacional. Mas, por outro lado, às vezes também escolhem seu próprio interesse e não o interesse geral.

2. O Brasil no futuro do mundo:

A apresentação do Professor Jacques Marcovitch veio complementar a introdução geral, acrescentando as bases teóricas e conceitos sobre o tema principal deste curso foram. Na verdade, é através do caso concreto do Brasil e do seu futuro projeto que as tendências e conceitos de riscos foram definidos.

Uma tendência é definida como uma direção para a qual um sistema tende a ser dirigido e um risco é definido como a possibilidade de um evento futuro e incerto. E por isso que as tendências gerais como energia, comunicação, habitação, biodiversidade, desastres naturais e mudanças climáticas podem ser identificadas. Essas tendências geram riscos econômicos, geopolíticos, ambientais e tecnológicos que afetam o mundo. É através destes dois conceitos principais que podemos já entender melhor a de decisão de ação ou inação de atores internacionais quando surge uma crise. Devemos agir? Como devemos agir? Para que propósito? Global ou individual?

Consequentemente, o caso específico do Brasil é interessante, porque ele pois permite realizar uma análise aplicável ao cenário mundial posteriormente. Na verdade, os desafios para o Brasil são muitos em termos de meio ambiente, educação, segurança alimentar, Identificar esses riscos e desafios também significa permitir a implementação de planos de ação concretos para gerenciá-los ou, na melhor das hipóteses, para remediá-los.

Mais uma vez, essa identificação pode ser feita em um duplo nível, como o Professor Marcovich ilustra em seu artigo sobre riscos ambientais: "Nesta linha temática, uma

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

reflexão sobre o futuro próximo pode simultaneamente abranger múltiplas direções, ocupando-se de questões globais e locais ao mesmo tempo.”¹

Finalmente, a questão dos atores que deve dar o ímpeto à mudança ou à política pública também é muito importante. Esta questão foi sublinhada durante a palestra como um ciclo contínuo de “feedback”. Eles fornecem uma resposta que permite ao sistema se adaptar posteriormente.

É através de investimentos significativos em educação, por exemplo, que a sociedade poderá fornecer gerações de pessoas qualificadas para responder a novos riscos e desafios. Em um nível mais internacional, apreciei a ideia apresentada na apresentação de Patrick Aebischer.² De fato, a ideia de um mundo sempre mais interconectado é constantemente evocada. No entanto, os setores científico, diplomático e de ciências humanas são disciplinas que são isoladas uma da outra. Segundo a palestra de P. Aebischer, os atores internacionais chegarão a dar respostas concretas e pragmáticas no futuro, quando essas disciplinas poderão dialogar.

II. Segunda parte:

1. Tendências climáticas e os Acordos do Paris.

O tema das tendências climáticas foi apresentado por Thelma Krug. A mudança climática é atualmente um dos riscos mais flagrantes para o mundo. Durante a apresentação, Thelma Krug apresentou de forma muito científica os cinco riscos para o planeta que foram identificados pelo IPCC: Os riscos para sistemas únicos e ameaçados, os riscos de eventos climáticos extremos, a distribuição de impactos e vulnerabilidades, levando países em diferentes níveis de desenvolvimento a serem atingidos de diversas formas, e finalmente, os impactos agregados e riscos de eventos de larga escala.

Estes riscos para a planeta são discutidos de forma diplomática através da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança Climática. E recentemente, através de um

¹ MARCOVITCH, Jacques., O Brasil no Futuro do Mundo. Ciclo “Futuro do Presente - O Brasil Imaginado”, 2013, p. 123.

² AEBISCHER, Patrick. “How Science is Transforming the World: a 2030 Perspective”. Graduate Institute. 86 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JDwD6k7E1As>

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

acordo global, em Paris, que os membros das Nações Unidas concordaram em reduzir as emissões de gases de efeito estufa.

O objetivo final para os cientistas não é exceder os 2°C do aquecimento global. Isso foi traduzido em um acordo incentivando cada país a fazer o melhor e a tomar suas próprias decisões de acordo com suas capacidades. As contribuições são pessoais para cada país. Por exemplo, o Brasil comprometeu-se a reduzir suas emissões de gases de efeito estufa em 37% em relação ao nível de emissão de 2005.³ Portanto, começamos com um conceito de acordo baseado na boa vontade de cada Estado a fim de contribuir para o esforço coletivo.

As condições para o cumprimento de seus compromissos e acordo obrigatório não foram abordadas durante a apresentação. Tal como são os aspetos que tornam difíceis de comparar as propostas nacionais de cada país, uma vez que as datas de referência não são as mesmas. No entanto, isso levanta a questão abordada na primeira parte teórica. Qual é a motivação para um país investir na luta contra as mudanças climáticas? Na verdade, todos os países não são afetados da mesma maneira. Além disso, essas negociações climáticas trazem um debate geopolítico e econômico. É verdade que alguns países em desenvolvimento veem isso como uma forma de limitar seu desenvolvimento industrial.⁴

2. Tendências Migratórias e a Declaração de Nova York

A apresentação de Maria Beatriz Nogueira foi uma boa introdução ao tema da migração e igualmente uma boa preparação para as duas outras apresentações que se seguiram.

Os refugiados são definidos pela convenção de 1951 e têm um status específico. Eles recebem proteção internacional contra seu país de origem quando eles são perseguidos por rezaos de raça, de religião, nacionalidade, opiniões políticas ou grupo social. Quando uma pessoa foi reconhecida com refugiado tem a garantia de acesso ao território, ao sistema de refugio do país onde ele vai pedir. No entanto, dependendo do país, há uma aceitação da definição no sentido amplo ou estrito. Por exemplo, o Brasil tem uma

³ REPUBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, Pretendida contribuição Nacionalmente Determinada para consesuação do objetivo da CQMC, disponível em:

http://www.itamaraty.gov.br/images/ed_desenvsust/BRASIL-iNDC-portugues.pdf, p.2.

⁴ THE GUARDIAN, « The BRIC nations' response to climate change is critical to the fate of the planet », [disponível em] <https://www.theguardian.com/sustainable-business/2015/may/04/brazil-china-russia-india-climate-change-labor-economy-sustainability>, 4/5/2015.

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

definição larga porque ele inclui o caso de desrespeito dos direitos humanos no país de origem.

De outro lado um migrante não está especialmente em risco em seu país ou vulnerável. A dificuldade do termo migrante é que não existe uma definição geral internacional aceita por todos como refugiados.

Foi interessante ter a visão de um ator que trabalha para um órgão das Nações Unidas, o ACNUR. Sua visão era muito semelhante à das Nações Unidas, como já descrevemos na seção sobre mudanças climáticas. O esforço para gerir a crise migratória deve ser visto de forma holística. O Brasil deve, portanto, aceitar mais refugiados porque, proporcionalmente ao tamanho e às capacidades do país, não aceita muitas pessoas hoje. Essa visão de esforço comum é muito interessante porque permite identificar um discurso que varia no nível do discurso político nacional em relação aos discursos realizados por organizações com visão supranacional. Esta segunda visão mais política pode ser vista na discussão a seguir.

3. Tendências Migratórias e Políticas de Inserção

A experiência de Stephane Larue complementou o testemunho anterior fornecendo explicações adicionais sobre o processo de integração como tal no Canadá. Como o Brasil, o Canadá aceita a ampla definição de refugiado. O país também é conhecido por ser um exemplo de país modelo para refugiados.⁵ No entanto, Stéphane Larue deixou claro que o país nem sempre foi um modelo. Notavelmente na recepção dos judeus durante o Holocausto.

A apresentação também enfatizou fortemente o aspecto positivo da imigração. Mas também tentou desconstruir alguns clichês. A ideia, especialmente, de que aqueles que

⁵ European Parliament, « Canadian Model of Managed Migration Immigration, Refugees and Citizenship Canada », [disponível em] https://ec.europa.eu/germany/sites/germany/files/3_mijic_canadian_model_of_managed_migration_-_oct_2016.pdf

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

chegam ao processo geralmente são "la crème de la crème" para citar Stephane Larue. Mas também que a imigração para o Canadá tem origens diferentes: profissional e familiar, econômico, humanitário tem um impacto positivo na economia, por exemplo.

O que particularmente gosto desta apresentação é que o tema da migração também pode ser um argumento político positivo. Stephane Larue explicou como a campanha de Justin Trudeau baseou-se nisso e especialmente na famosa foto do menino encontrado morto em uma praia após o cruzamento do Mediterrâneo. Ver a migração como um argumento político desse ponto de vista é muito interessante para mim. Na verdade, como uma belga e mais amplamente europeu, o fenômeno da migração é descrito como algo muito negativo pelos políticos no momento. Por exemplo, países como a Bélgica estão lutando para atender a cota anual de refugiados que concordaram em receber.

4. Tendências Migratórias: Memória e Identidades

O terceiro testemunho de Marilia Bonas complementou essa compreensão global da atual tendência de migração. Na verdade, depois de ter tido o ponto de vista de um ator que defende a visão internacional do ACNUR, a visão nacional de um país que atua positivamente contra a migração, o testemunho de Marilia Bonas traz um testemunho do que viva os migrantes.

É através da história do Brasil que a palestrante tentou trazer uma compreensão atual do fenômeno da migração. Ela deu uma imagem precisa da situação em que os migrantes estavam chegando no Brasil, como o reagrupamento familiar foi organizado e como a indústria do café às vezes usava essa força de trabalho barata. Todos esses exemplos fazem eco da situação atual, o tráfico de escravos migrantes nos campos, seja na Europa ou no Oriente Médio. Também reflete os problemas da escravidão moderna na Líbia como resultado direto da crise migratória.⁶

Através da apresentação, é, uma oportunidade para entender como gerenciar a situação

⁶ THE GUARDIAN, « Migrants from west Africa being ‘sold in Libyan slave markets », [disponível em] <https://www.theguardian.com/world/2017/apr/10/libya-public-slave-auctions-un-migration>, 10/4/2017.

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

atual sem reproduzir os erros do passado. Como, além da mera política pública que permite a integração, também devemos considerar a condição e os direitos dos migrantes.

5. Conflitos Armados e a Promoção da Paz: Sérgio Vieira de Mello

A última tendência foi a dos conflitos armados e a promoção da paz através de um relatório dedicado a Sérgio Vieira de Mello, ex-Alto Comissário para os Direitos Humanos nas Nações Unidas, que foi assassinado.⁷ Um homem cuja carreira permite destacar certos aspectos da gestão diplomática dos conflitos.

Na verdade, retiro deste relatório a necessidade de relações no ambiente diplomático. As conexões possibilitam avançar nas negociações e avançar as coisas. Sergio Vieiro de Mello deu este exemplo de um homem no chão que estava pronto para negociar sem julgar o outro. O relatório também destacou a complexidade de um trabalho de alto nível para as Nações Unidas.

Para ter o ângulo de análise do curso, penso que este relatório acentua fortemente as questões da globalização e a necessidade de, no entanto, negociar com a festa à nossa frente. Na verdade, as negociações são as últimas muralhas que permitem não ficar escuras na violência em alguns casos.

III. Conclusão

No final deste trabalho, agora é possível ter uma primeira opinião crítica sobre as tendências e os riscos apresentados durante a primeira parte do curso. Através deste ensaio, tentei mostrar a dualidade e a tensão que existe, por um lado, entre a vontade

⁷ Sergio Vieiro de Mello, A caminho de Bagda, 56min19sec, [disponível em] <https://www.youtube.com/watch?v=xsJEhtMKJ2k>

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

internacional de agir para o interesse geral e o bem da comunidade mundial. E, por outro lado, a ambição pessoal de cada estado que pode surgir diante de uma tendência.

De fato, o exemplo das mudanças climáticas é um exemplo. Após as falhas de muitas conferências da ONU (o Protocolo de Kyoto ou a Conferência de Copenhague, ...), vimos com a obtenção do acordo de apostas uma esperança para a comunidade internacional desde que todas as partes concordaram. No entanto, a notícia volta a colocar esta ideia em perspectiva. Na verdade, as declarações do Presidente dos Estados Unidos da América, Donald Trump, apoiam essa ideia de dualidade entre interesse nacional e internacional. Ao decidir deixar o acordo, infelizmente é o primeiro cenário que prevalece.

No que diz respeito à migração, o assunto é igualmente delicado e contrastado. A migração foi, portanto, abordada através de três perspectivas - macro, meso, micro - de atores muito diferentes: internacional, política nacional e o ponto de vista dos migrantes. Três lições principais podem ser extraídas dessas apresentações: Em primeiro lugar, é a importância da diferenciação entre migrantes e refugiados. Mas também do ponto de vista global, o fato de o migrante não ser definido por uma regra comum internacional. Em segundo lugar, a atual tendência migratória também é interessante para analisar o passado, a fim de evitar certos erros. Em terceiro lugar, como vimos com Stephane Larue, a migração em geral também pode ser um argumento político. Mais uma vez, essas apresentações permitiram destacar essa dualidade de interesses entre nacionais e internacionais. A posição de nossos três palestrantes foi a de uma opinião a favor de uma política migratória mais importante no Brasil

Finalmente, a última apresentação veio de alguma forma para apoiar o que foi dito anteriormente. Na verdade, a ideia era, assim, mostrar como alcançar o ideal das nações unidas, a saber, a paz. Mas, acima de tudo, como consegui-lo por meios diplomáticos. Como negociar com interlocutores que não têm as mesmas opiniões.

IV. Bibliografia

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso
Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

- AEBISCHER, Patrick. “How Science is Transforming the World: a 2030 Perspective”. Graduate Institute. 86 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JDwD6k7E1As>
- EUROPEAN PARLIAMENT, « Canadian Model of Managed Migration Immigration, Refugees and Citizenship Canada », [disponível em] https://ec.europa.eu/germany/sites/germany/files/3_mijic_canadian_model_of_managed_migration_-_oct_2016.pdf
- MARCOVITCH, Jacques., O Brasil no Futuro do Mundo. Ciclo “Futuro do Presente - O Brasil Imaginado”, 2013.
- REPUBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, Pretendida contribuição Nacionalmente Determinada para consesuação do objetivo da CQMC, disponível em: http://www.itamaraty.gov.br/images/ed_desenvsust/BRASIL-iNDC-portugues.pdf.
- Sergio Vieiro de Mello, A caminho de Bagda, 56min19sec, [disponível em] <https://www.youtube.com/watch?v=xsJEhtMKJ2k>
- THE GUARDIAN, « Migrants from west Africa being ‘sold in Libyan slave markets », [disponível em] <https://www.theguardian.com/world/2017/apr/10/libya-public-slave-auctions-un-migration>, 10/4/2017.
- THE GUARDIAN, « The BRIC nations' response to climate change is critical to the fate of the planet », [disponível em] <https://www.theguardian.com/sustainable-business/2015/may/04/brazil-china-russia-india-climate-change-labor-economy-sustainability>, 4/5/2015.

Daniel Quandt (ECA)

A ânsia do ser humano por prever o que há por vir é uma de nossas mais antigas heranças culturais. Desde o oráculo de Delfos até as cartomantes “ciganas” do Viaduto do Chá, temos em nosso sangue um impulso praticamente irrefreável por tentar abrir as

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

cortinas do futuro, por mais que ele se mantenha ferrenhamente incognoscível.

Como todos os outros antigos impulsos humanos, essa sede pela precognição foi transformada pela modernidade. Embora ainda prevaleçam superstições e astrologias que pouco distam dos antigos, a nossa ideia de oráculo adotou as vestes do tempo em que vivemos e das ferramentas que criamos. Não falamos mais em presságios, e sim em “indicadores”. Não falamos mais em destino, mas em “probabilidade”.

A grande diferença está, é claro, na metodologia e na comprovabilidade desses novos métodos. O ás na manga do método científico está na ideia de poder refutar hipóteses com novas informações, afinal. E é isso que tentamos fazer ao analisar tendências e riscos, no que quer que seja: aplicar as informações que temos às observações que somos capazes de fazer, e, de alguma forma, dar o nosso melhor palpite sobre o que está por vir.

Esse método, aplicado em escala global, esbarra em alguns problemas que não estão presentes da mesma forma ao se fazer o *forecasting* dos lucros de uma empresa ou ao contabilizar riscos para escolher que tipo de apólice de seguro fazer para a sua casa. Em parte, porque vivemos hoje em um mundo muito mais conectado do que em qualquer outro momento da história, e ações de atores estatais e até mesmo particulares em uma parte do mundo são capazes de gerar ondas de efeito pelo globo inteiro. O que isso acaba significando é uma nova necessidade de construir canais de cooperação entre as nações para que tais ações possam ser mitigadas e planejadas em larga escala para gerar progresso em direção a objetivos supostamente “globais”.

As organizações internacionais, ou multilaterais, ou intergovernamentais, qualquer que seja a nomenclatura preferida, surgiram no amanhecer dessa nova era de causa e efeito globais como uma forma de tentar oferecer algum tipo de resposta eficaz a essa situação. É questionável até que ponto elas são capazes de realmente cumprir o que se propõem a fazer, visto que é ínfima a parte do poderio econômico, militar ou científico empregado pelos Estados-membros em prol dos objetivos mútuos quando comparado ao que se dedica em nome dos interesses próprios de cada nação.

O que não significa que as organizações internacionais não tenham valor, é claro. Em grande parte, elas são responsáveis por moldar o discurso e os tópicos de interesse na diplomacia internacional, seja por meio de *soft law* ou ações mais concretas. Servem,

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

também, como importantes primeiros passos na construção de uma governança global que leve em conta o fato de que nossa espécie habita, por ora, o mesmo planeta, e nenhuma ação se dá em um vácuo. Embora muito possa ser dito sobre ineficiência, é inegável que situações que outrora teriam sido estopins para guerras hoje viraram discussões acaloradas nos salões da ONU e do Banco Mundial.

Vemos hoje uma tendência de *pushback* à globalização desenfreada pós Guerra Fria, com movimentos nacionalistas e até mesmo isolacionistas ganhando força. Cresce também a rejeição ao internacionalismo por parte de um novo conservadorismo que se alastra pelo ocidente, fenômeno visível no sucesso do voto pelo *Brexit* e o sucesso de candidatos como Donald Trump, nos EUA. As organizações internacionais já são sólidas e enraizadas o bastante para sobreviver tais movimentos, mas é arriscado, agora, tentar prever o crescimento ou retração de sua influência.

É um engano, certamente, pensar que as mudanças que nos trouxeram ao cenário descrito até aqui pararam em algum momento em que deixamos de ser “história” para ser “agora”. O mundo continua mudando cada vez mais rápido, e as chamadas tecnologias disruptivas prometem honrar sua alcunha. O mesmo desenvolvimento que nos permite fazer previsões cada vez mais acuradas serve também para tornar o futuro cada vez mais radicalmente diferente do que conhecemos hoje. O que fica claro é a aplicabilidade ao cenário global de um conceito já conhecido há tempos nas ciências naturais: quando o meio muda, só os capazes de se adaptarem sobrevivem.

E o que significa se adaptar? Não basta reagir; a reação, é, por definição, baseada em despreparo. É importante saber lidar com o imprevisível, mas talvez mais importante é saber tornar o imprevisível previsível. Conhecer os riscos e preparar-se para eles antes disso tornar-se estritamente necessário. Há um motivo para os edifícios na Califórnia e no Japão serem construídos de forma a manterem-se de pé mesmo quando abalados por tremores sísmicos: é mais barato e mais fácil fazer isso do que consertar o estrago quando eles caírem.

Nesse sentido, o poder de construir o futuro não está necessariamente contido nas mãos daqueles que detêm os maiores capitais políticos ou econômicos no momento atual, embora isso obviamente seja de grande importância, mas nas mãos daqueles que melhor souberem se preparar para o futuro e se adaptar diante de suas tendências e riscos. Afinal,

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

se os grandes poderes se mantivessem eternamente, seríamos todos hoje babilônios, egípcios ou ingleses. Não há porque acreditar que a hegemonia norte-americana seja fadada a perdurar, necessariamente. Ela já mostra alguns sinais de sua idade relativamente avançada, visto que o tempo parece passar cada vez mais rápido.

Também é improvável que esse papel seja atribuído de forma significativa ao Brasil, que, talvez por conta de sua posição relativamente privilegiada de um ponto de vista geográfico e geopolítico, nunca teve de se preocupar muito com desastres naturais ou grandes conflitos. Por isso, quem sabe, o despreparo tenha tornado-se aceitável, e lidar com as situações por mera reação tenha se solidificado como prática comum.

É óbvio que o Brasil não está isento de participar na construção de um futuro global, e evidentemente ele não terá opção senão fazê-lo, devido a sua vasta riqueza natural, grande área e população, sem falar de sua importância política e econômica no cenário da América Latina. Mas se não adquirirmos, como nação, uma consciência dos riscos do futuro e uma forma consciente de lidar com eles, estaremos mais à mercê dos ventos da História do que postos ao timão do navio.

Em suma, quanto à construção do futuro, todos, a menor ou maior escala, influenciam-no. Mas para ter uma influência significativa, que realmente seja mensurável, a característica mais importante de um órgão, Estado ou organização internacional, ou até mesmo um indivíduo de grande influência, é a consciência dos riscos e a ação consciente de como lidar com eles antes de que eles se tornem problemas imediatos. Muitas vezes o custo de inação é muito maior do que o custo de agir, e assim quem age com antecedência é quem se apresenta na vanguarda.

Dentre os riscos que podem ser dito verdadeiramente mundiais e, hoje, infelizmente, inevitáveis, quem sabe o mais notável seja a mudança climática global ocasionada pelos gases de efeito estufa. Já sentimos seus efeitos nos temporais violentos cada vez mais intensos e recorrentes, seja o exemplo citado o Katrina em 2005 ou o Harvey, Irma e Maria em 2017. Nações insulares como Tuvalu, Kiribati e as Maldivas se veem frente a frente com a possibilidade de tornarem-se verdadeiras Atlântidas do mundo moderno, com elevações no nível do mar de até 10 mm ao ano.

Frente a uma situação verdadeiramente cataclísmica que hoje é consenso científico, o mundo ainda parece ter dificuldades em diminuir o estrago. Maior símbolo

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

de cooperação internacional nesse sentido, o Acordo de Paris representa um primeiro passo num compromisso entre as nações para tentar refrear os efeitos da mudança climática global antropogênica, e por enquanto esse efeito diplomático de reconhecer o problema e começar a trabalhar nele permanece sendo o principal efeito. Ainda é preciso muito para diminuir o crescimento da concentração de GEEs na atmosfera, que continua a subir.

Para o Brasil, as metas são reduzir em 37% as emissões até 2025, relativo às emissões de 2005, e a possível redução de 43% das emissões até 2030. Para isso, foram estabelecidos alguns objetivos para que esses números sejam atingidos, como o fim do desmatamento ilegal na Amazônia, entre outros mais realistas, elaborados com a participação de acadêmicos, ONGs e outros elementos da sociedade civil.

Ainda assim, parece que muito pouco está sendo feito, e pior, existe significativa pressão política para que até esse pouco seja desfeito. Donald Trump foi eleito nos EUA com promessas de revitalizar a indústria do carvão, um dos maiores poluidores fósseis que, hoje, se vê praticamente obsoleto em face a tecnologias emergentes de energia renovável. Mesmo assim, os interesses econômicos, políticos e, sobretudo, de curto prazo de muitas nações ainda se sobrepõem ao futuro da humanidade e do planeta Terra.

Embora seja difícil prever como exatamente as mudanças climáticas causadas pelo nosso uso de combustíveis fósseis afetarão as gerações que estão por vir, é difícil imaginar que elas não verão esse momento de nossa história como um grande erro de seus antepassados. Se aprenderão com isso, é difícil dizer, considerando a dificuldade que parecemos ter em aprender com o passado para melhor nos prepararmos para o futuro. Mesmo com todos os alertas piscando e todas as sirenes soando, ainda somos letárgicos em agir. Talvez tão intrínseco à nossa natureza quanto a vontade de conhecer o que vem por aí seja a incapacidade de agir quando nos deparamos com essa informação.

Não que sejamos muito melhores em lidar com situações que são extremamente presentes e atuais. Grandes crises humanas ainda são tratadas com certo distanciamento e é o trabalho de órgãos independentes e multilaterais que muitas vezes acaba fazendo a diferença, tendo de batalhar não só contra os agentes antagonistas na criação das crises em si mas também contra os interesses próprios de cada um dos membros dessas organizações.

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

No caso da crise de refugiados, acentuada hoje pela guerra civil da Síria e o surgimento e proeminência do Estado Islâmico, a ONU conta com o ACNUR, o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. Além de definir a definição e o status jurídico e diplomático dos refugiados na convenção de 1951, o ACNUR tem exercido grande esforço em tentar resgatar e repatriar os milhões de desalojados e refugiados mundo afora todos os anos.

Os países que acabam alojando a maior quantidade de refugiados são, não por coincidência, aqueles localizados geograficamente mais próximos às zonas de conflito relevantes. Turquia, Líbano e Irã, por exemplo, abrigam centenas de milhares de refugiados sírios. No entanto, o discurso político e midiático em torno da questão está muito mais focado no impacto dos refugiados nas comunidades de países desenvolvidos, sobretudo europeus.

Embora a política de alguns países tenha sido consideravelmente receptiva, sobretudo a Alemanha, vemos hoje, após as últimas eleições, as tendências políticas evidenciadas por esses movimentos. O AfD, partido de direita nacionalista alemão, conquistou o terceiro lugar nas eleições e conquistou assentos no parlamento, algo que chocou grande parte dos moderados na Alemanha e no mundo. A narrativa que se pinta é a de refugiados como uma praga que vem para deturpar a identidade europeia, e essa resistência por parte de setores da população torna a abertura dos Estados para a recepção de refugiados mais difícil.

O Brasil, apesar de geograficamente distante dos focos de refúgio no Oriente Médio (e também mais próximo de outros na América Latina), tem uma legislação bastante abrangente no que diz respeito à recepção de refugiados. Além de riscos específicos ao indivíduo pleiteando o status de refugiado, a legislação brasileira também considera o desrespeito generalizado aos direitos humanos no país de origem como motivo válido para recebê-lo. Durante o processo, os candidatos ao refúgio também recebem documentos como CPF e podem trabalhar, possibilitando que já passem a se integrarem na sociedade.

De um ponto de vista de percepção pública, o Brasil também tem uma visão relativamente positiva em relação àqueles em situação de refúgio. Talvez pelos laços próximos que grande parte da sociedade ainda mantém com suas origens advindas da

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

imigração, o conservadorismo brasileiro parece ser menos ferrenho em sua oposição à recepção de refugiados. Até mesmo a grande mídia, frequentemente atacada por seu viés conservador, tende a perceber a luta pela recepção dos refugiados como necessária mesmo dentro do país. Esses fatores levaram ao sucesso do acolhimento aos haitianos afetados pelo terremoto devastador de 2010, com a criação do passaporte humanitário, que permite o auxílio a populações vulneráveis que não necessariamente se enquadram sob o rótulo de “refugiado”. Ainda assim, o Brasil e o resto do mundo possuem a capacidade e o dever moral de ampliar sua rede de auxílio e aplicar ainda mais políticas de inserção.

É difícil prever o futuro em relação a essas e outras questões, por mais que se faça um esforço para analisar cuidadosamente os fatores envolvidos. As crises e riscos às quais o mundo se depara hoje parecem grandes demais, caóticas demais para resolver, mesmo por meio das ações de grandes organizações de influência global. A nível individual, então, a ideia de ser capaz de causar qualquer tipo de efeito perceptível parece ridícula.

Mesmo assim, algumas pessoas continuam firmes na tentativa de transformar suas convicções em relação à direção que o mundo deveria tomar em realidade concreta. Um exemplo próximo, o brasileiro Sérgio Vieira de Mello, representa talvez o ápice dessa meta atingido por alguém de nossa nação, por sua enorme influência em diversos cargos humanitários de alta patente dentro das Nações Unidas.

Como figura de liderança em ações no Camboja, Timor Leste e Iraque, Sérgio Vieira de Mello demonstrou repetidas vezes o poder de sua capacidade comunicativa, encantando as populações locais e seus colegas enquanto tomava medidas concretas que alteraram a realidade daqueles por quem passou.

Infelizmente, a trajetória de Vieira de Mello é igualmente emblemática por seu trágico fim. Morto em um atentado à bomba a seu escritório no Iraque, nossa maior figura das relações internacionais tornou-se também um símbolo de que tentar fazer a diferença significa também ter um alvo nas costas, e que a violência ainda é, tragicamente, ferramenta recorrente e poderosa na exercício de influência globo afora.

Continuamos tentando prever o futuro, e, insuperavelmente, continuamos sendo surpreendidos por ele. Todo preparo e poder de adaptação demonstra ser capaz de fazer a diferença a níveis individual, nacional e mundial, e podemos entender que a compreensão das tendências e riscos que nos cercam não é o bastante se não for aliada à

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso
Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

ação efetiva e consciente delas. Como comunidade global, ainda somos crianças cegas tateando por um universo de possibilidades, e ainda não parece certo que chegaremos à maturidade. Nos resta somente trabalhar para isso e esperar pelo melhor.

Fábio Augustin Rocha Lima (FEA)

O dilema da Cigarra e da Formiga

Introdução

O futuro pode ser encarado de diversas formas, quase todas elas definidas entre os dois extremos encontrados nos comportamentos antagonistas da formiga e da cigarra na famosa fábula. É possível se preparar para tempos vindouros com total displicência e quase nenhum custo, aproveitando a bonança do presente, assim como fez a cigarra; ou se preparar com extrema diligência, investindo tempo e outros recursos preciosos, como feito pela formiga. Os resultados colhidos no futuro dependem do tipo de atitude que escolhermos ter agora.

Esses aspectos são semelhantes na vida individual privada e na coletiva pública; no âmbito pessoal, organizacional e, principalmente, no nacional. É extremamente importante que se trace alguma espécie de estratégia que antecipe o que pode acontecer no dia, mês e ano seguinte.

É impossível prever qual o resultado no futuro de uma ação no presente, o que se pode fazer é entender um padrão de comportamento dos eventos, interpretando as relações de causa e efeito existentes entre as diferentes atitudes em diferentes momentos. O que se pode afirmar, no contexto internacional, é que os países que se encontram em melhor situação em algum e qualquer setor que seja, são os países que se preveniram para isso, que

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

usaram seus recursos para mitigar o resultado negativo. São os países que não esperaram para ver o custo da inação, escolheram agir no passado e estão colhendo o fruto no presente.

Sempre haverá um nível de incerteza, em maior ou menor grau; essa incerteza é o que indica o risco, e a observação de padrões de causa e efeito é o que define a tendência. É possível que se plante algo hoje para colher no futuro, e observando situações de diversos países atualmente e entendendo sua história, pode-se afirmar que os custos de inação costumam ser bastante altos.

O exercício de análise de tendências e riscos deve ser constante, mas as ações precisam ser tomadas em tempos definidos; como dito pelo professor Marcovitch, em seu texto *O Brasil no futuro do mundo*: “Acredito no futuro, desde que façamos dele a nossa luta de todos os dias, e não uma possibilidade sempre aberta de adiamento”.

Riscos e Tendências atuais

Muitos aspectos dessas incertezas e padrões não são necessariamente justos, no sentido de que nem sempre a inação de um país sobre determinado aspecto afeta apenas aquele país. Na verdade, com as conexões criadas pelo ser humano nos últimos anos, é cada vez mais difícil que qualquer consequência do ato de algum país se restrinja apenas aos limites da fronteira dessa nação.

É assim no mercado financeiro, quando o protecionismo de um país desvaloriza a moeda de outro, quando a crise por falta de regulamentação do sistema bancário de um coloca outros à beira da falência, etc.

Outro efeito que não respeita as fronteiras de território estabelecidas pelos homens é o climático, e talvez esse seja um dos que tem mais amplitude de impacto em escala global.

A questão climática internacional

O nível de uso de combustíveis fósseis só fez subir nos últimos 200 anos, embora o ponto de inflexão de aumento desse consumo tenha acontecido nos anos de 1950, quando explodiu o uso de petróleo para o transporte. A relação das emissões de gases provocadas por esse uso com a mudança climática global é clara para a maioria da comunidade científica internacional.

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

Ainda que na trilha de acordos internacionais para controle da emissão de GEE (Gases do Efeito Estufa), desde o Protocolo de Kyoto em 1997 até o Acordo de Paris em 2015, os países estão caminhando a passos lentos para a reversão da matriz energética de combustível fóssil para fontes de energia renovável. Atualmente, apenas 18% de toda energia consumida pelo homem é renovável.

O cenário climático é de derrotas grandes, como a retirada da assinatura dos EUA do Acordo de Paris, e de vitórias lentas, como a legislação norueguesa que proibirá a venda de carros movidos a gasolina ou diesel a partir de 2025. Os compromissos estabelecidos até 2030 pelos países que assinaram o acordo não são suficientes, a redução de emissões de gases precisa ser 25% maior do que o combinado.

O desafio também repousa na necessidade de investimentos fortes em países que não possuem capital para isso. Nos anos de 1990, a maior parte das emissões vinham dos países desenvolvidos; hoje, a maior parte das emissões vêm dos países em desenvolvimento. É necessário que se invista nesses países para que eles pulem etapas percorridas por países desenvolvidos quando a tecnologia ainda era muito cara.

Hoje, a substituição do petróleo por fontes renováveis é bem mais acessível que décadas atrás. Um exemplo dessa transição mais rápida foi dado por Pep Canadell, diretor da Global Carbon Project: “A África pulou as redes fixas de telefonia, passou diretamente para as móveis”. O mesmo poderia acontecer com a energia: poderia ocorrer desenvolvimento sem necessitar passar, como antigamente, pela era da combustão.

A questão climática no Brasil

Não é apenas em escala global que existe retrocessos: o Brasil também apresenta sua cota de medidas retrógradas atualmente. Com a aprovação do presidente Temer em cerca de apenas 5% da população, ele precisa fazer concessões a grupos de interesse do Congresso para se manter no poder e, principalmente, afastar de si as denúncias da Procuradoria Geral da União.

Um dos grupos de interesse mais importantes de Brasília é a chamada Bancada Ruralista, composta por agro empresários, que defendem, entre outras coisas, a manutenção e expansão de terras para monocultura (principalmente

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

de soja) e criação de gado, responsável por emissões consideráveis de metano para a atmosfera.

A Bancada já provocou pressões em governos anteriores quando da renovação do Código Florestal, em 2012, e continua exercendo sua força política para retardar o avanço de leis ambientais ou até retroceder esse avanço em alguns casos, como o recente da RENCA.

O fortalecimento da lei e sua real implementação, independente a quem se aplica, é fundamental para o avanço do país na questão climática. De outra forma, de nada adiantará a meta ambiciosa de redução em 43% de emissão de carbono até 2030 (em comparação com as emissões de 2005), uma vez que outras formas de degradação e emissão continuam aumentando.

A situação dos refugiados

Outra situação que não afeta, e nem é afetada, apenas pelos países diretamente relacionados é a dos refugiados. Diversas crises humanitárias e conflitos ao redor do planeta têm feito com que o número de refugiados supere o da Segunda Guerra Mundial, com 65,3 milhões de pessoas forçadas a se deslocar, sendo 51% desse número (mais de 33 milhões) composto por crianças.

Conflitos por independência iniciados na Primavera Árabe, em 2010 desencadearam situações como a guerra civil da Síria, que por sua vez favoreceram o aparecimento de grupos religiosos extremistas, como o Estado Islâmico, o que por sua vez, piorou a situação de refugiados curdos e de outras etnias e religiões na região do Iraque. Outro conflito com grande volume de refugiados é o do Sudão, em guerra civil com os separatistas do Sudão do Sul.

Crises humanitárias mais recentes, como a da Venezuela, mostram que nem sempre só um conflito armado declarado pode ser a causa da evasão de pessoas do país em questão. Crises políticas e econômicas, dependendo de sua intensidade, podem obrigar grande parte da população de um país a procurar abrigo em outro lugar.

Cada conflito ou crise mencionada tem sua complexidade própria, envolvendo questões de etnia, nacionalidade, religião crises política e econômica; o que todos têm em comum é a corda estourando para o lado mais

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso
Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

fraco: o dos civis inocentes que são obrigados a abandonar seus lares e procurar refúgio em outros países, na maioria das vezes, vizinhos.

Ainda que os países que mais abriguem os refugiados sejam os das regiões das crises e conflitos (Turquia, Paquistão, Líbano, Irã, Etiópia e Jordânia), o crescimento de um movimento populista, apoiado em discursos conservadores e xenofóbicos de países da Europa e América, tem dificultado a situação das pessoas nesses últimos continentes, diminuindo a receptividade da população para com os refugiados.

A falácia do desemprego dos nativos ocasionado pela chegada de imigrantes somado ao preconceito religioso embasado em outra falácia, a do terrorismo islâmico, fez aumentar a postura hostil da população de países desenvolvidos para com os refugiados de regiões menos favorecidas. Uma mistura de má informação com hipocrisia e xenofobia molda o debate atual dos países europeus, em que foi necessário a bomba midiática, na forma da foto de uma criança síria morta em uma praia na Itália, para abrir as fronteiras. Ainda assim, anos depois, a Alemanha coloca em seu parlamento membros de um partido de ultradireita (AfD) que querem investigar a chanceler pela atitude de receber maior quantidade de refugiados a partir de 2015.

O esclarecimento desses países parece um caminho evidente de ser percorrido para um futuro mais humano na questão dos refugiados. Um exemplo disso é o Canadá, que, mesmo sendo hoje referência em suas políticas sociais e humanitárias, traz em sua história episódios não muito nobres na receptividade de refugiados de outros países.

No Brasil, à sombra da Lei da Imigração, a discussão gira em torno da diferença entre imigrante e refugiado, uma vez que as pessoas têm mais preocupação em se mostrar contra a vinda do segundo, mesmo que o preconceito e a xenofobia ainda imperem em parte da sociedade. Por aqui também existe a falácia do desemprego, com o argumento de que muitos imigrantes vêm ao país com um nível de educação superior ao trabalhador brasileiro.

Parece contra intuitivo que uma ex-colônia, formada quase que inteiramente por descendentes de imigrantes, seja resistente a receber um número de refugiados condizente com a capacidade nacional. De novo, aspectos

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso
Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

de preconceito velado e má informação conduzem o senso comum na direção do retrocesso. A formação da sociedade brasileira, de elite e classe média branca europeia e escravos negros africanos, provocou profundas fissuras e delimitações de estratos sociais difíceis de contornar.

A construção da identidade nacional através da imigração

A criação e desenvolvimento de uma sociedade ou nação acontece por meio das diversas relações entre aspectos como etnia, idioma, religião e crenças, e até aspectos geográficos, como clima e topografia. Isso tudo interfere na criação de uma cultura que, mais do que as fronteiras políticas, une um grupo de pessoas para fazer de um estado nacional uma nação.

Essa identidade enraizada da população de determinado país sofre alterações de acordo com os cursos de sua própria história e da história de outros países, uma vez que grandes movimentações de estrangeiros afetam a estrutura cultural de uma nação a longo prazo.

O Brasil não foi um país desenvolvido predominantemente através das etnias e culturas locais. A partir da invasão da América do Sul no século XVI, a cultura brasileira foi sendo criada unindo elementos indígenas, africanos e europeus. Essa miscigenação provoca até hoje uma certa confusão nas pessoas sobre suas origens; muitos descendentes de europeus preferem ser relacionados ao país de origem de sua família que ao Brasil, e por mais que haja atualmente um movimento de resgate da cultura africana no país, como forma de resistência ao preconceito, muito se foi perdido dessas origens pelo fato de os negros terem sido arrancados de suas terras, por não terem vindo por vontade própria.

Ações para o reconhecimento da história e da importância dos mais variados povos que vieram ao Brasil e contribuíram para a construção da cultura nacional são de fundamental importância para que nos reconheçamos genuinamente brasileiros, e não como descendentes de alemães, italianos, portugueses, etc. Esse reconhecimento é importante também para que se evite construções equivocadas de identidade, como a identidade paulista criada na década de 1930 que reverenciava os bandeirantes, que promoveram matanças de indígenas nativos.

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

É importante que tenhamos total consciência de nossa história, de todos os responsáveis pela construção dela, de quem referenciamos, inclusive com estátuas e nomes de ruas e avenidas, uma vez que isso diz muito sobre o quanto estamos propensos a retrocedermos a tempos sombrios de nosso passado.

Conclusão

Atualmente, a visão do futuro nos parece ser repleta de riscos e as tendências, quando não muito nebulosas, são desanimadoras. Redução de poluentes não acompanhando o ritmo da velocidade das consequências climáticas dessas emissões; aumento no número de refugiados e de crises que podem provocar movimentos migratórios de refúgio; intensificação de conflitos e tensões internacionais, etc.

A boa notícia se mistura com a má quando pensamos que está em nossas mãos mudarmos isso e iniciarmos o ponto de inflexão a qualquer momento, uma vez que, como dito anteriormente, a construção do futuro é um processo dinâmico, não estático.

A notícia é ruim que temos essa chance em nossas mãos há algum tempo e pouco ou nada tem sido feito para reverter a situação. A boa é que ainda temos o presente para alterarmos nossa atitude, ainda temos organizações como a ONU (mais especificamente a ACNUR) e o IPCC, ainda nos inspiramos em histórias como a de Sérgio Vieira de Mello.

Ainda podemos olhar para o dilema, de ser cigarra e não nos preocuparmos ou ser a formiga e nos empenharmos para um futuro melhor, e perceber que isso, na verdade, não é um dilema: é uma obrigação moral. Queremos ser lembrados como aqueles que viram uma situação adversa e deram a volta por cima, juntos; ou por ser mais uma geração que deposita todas as esperanças na próxima, resignando-se da responsabilidade?

Referências

O Brasil no futuro do mundo – Jacques Marcovitch

Apresentação de slides realizada por Thelma Krug

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso
Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

Apresentação de slides usada por Maria Beatriz Nogueira

*Imigração e refúgio no Brasil e no mundo hoje: a hora e a vez dos museus –
Marília Bonas*

<https://g1.globo.com/politica/noticia/governo-temer-tem-aprovacao-de-5-e-reprovacao-de-73-diz-datafolha.ghtml> - *Governo Temer tem aprovação de 5% e reprovação de 73%, diz Datafolha* (último acesso em 05/10/2017)

https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/22/ciencia/1506075705_547083.html - *Acabou a era da gasolina?* (último acesso em 29/09/2017)

https://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/08/internacional/1457462570_846681.html - *Populistas xenófobos alteram o mapa político da Alemanha* (último acesso em 29/09/2017)

https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/24/internacional/1506267027_800182.html - *Avanço da ultradireita na Alemanha estraga vitória de Angela Merkel* (último acesso em 29/09/2017)

<https://www.youtube.com/watch?v=AQPIREDW-Ro> – *Iraque explicado – EI, Síria e Guerra*

<https://www.youtube.com/watch?v=RvOnXh3NN9w> – *A Crise dos Refugiados na Europa e na Síria explicada*

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso
Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

Fernanda Teles de Oliveira João (ECA)

Introdução

Este ensaio tem como propósito analisar as palestras ministradas durante o primeiro bimestre da disciplina Temas e Práticas em Relações Internacionais. O curso, organizado pelos professores Pedro Dallari e Jacques Marcovitch na Universidade de São Paulo (USP), levou para os alunos seminários feitos por profissionais com referências nacionais e internacionais nos assuntos trabalhos. Isso proporcionou para os estudantes um maior contato com temas atuais e de alta relevância, como migração, mudanças climáticas e interações internacionais. E este trabalho, portanto, se propõe a tratar dos referidos temas de modo a apreciá-los de forma crítica, fazendo relações com as Tendências e os Riscos Globais do século XXI e com o papel da mídia na mitigação dos possíveis problemas.

Aula 02 | 10/08 - Origens e características das organizações multilaterais

Com o advento da internet e, conseqüentemente, a maior rapidez e eficiência nas conexões entre pessoas e países, as interações internacionais se tornaram mais rápidas e complexas. Ela, juntamente com o fenômeno da globalização, mudou a concepção que as pessoas tinham dos países e, hoje, eles não são vistos mais como isolados, já que estão todos interligados e interdependentes. Isso, por sua vez, afetou diretamente a relação entre as diversas nações e o comércio no globo.

Atualmente, os países sentem a necessidade de terem uma relação entre si para atingirem determinados objetivos. Sendo assim, há duas formas de se realizar uma cooperação internacional institucionalizada: através das Organizações Intergovernamentais Internacionais (OIG) e das Organizações Não Governamentais Internacionais (ONGI). Além disso, podemos citar as empresas transnacionais como uma

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

dessas formas de relação entre diversos países, apesar de elas terem sede definida em um único país.

No entanto, é necessário que haja uma maior organização dessa interatividade. Sendo assim, para regular a coexistência e a integração internacional, houve o estabelecimento de tratados. Tal regulamentação não são normas de regência da vida social. Os acordos internacionais têm outros intuitos e podem, por exemplo, delimitar fronteiras e estabelecer laços militares, além de suprirem a demanda por regras internacionais e por políticas públicas globais.

Há quatro dimensões de interatividade: guerra, direitos humanos, meio ambiente e economia. Todas pressupõem interação entre as nações e, sendo assim, não é possível que um país lide com elas de forma independente. Ademais, os tratados e acordos internacionais são importantes porque acabam sendo a base de muitas Constituições pelo mundo a fora, afetando diretamente, por exemplo, a saúde pública, já que muitos países aplicam regras da Organização Mundial da Saúde.

Apesar de ser uma tendência, a interação internacional pode apresentar riscos. É preciso evitar não só a total rejeição dessas relações, mas também o total deslumbramento por aquilo que é regra internacional. Com a globalização e a interatividade entre nações, as características culturais particulares de cada uma delas podem ser ameaçadas, colocando em risco a identidade de cada país.

Aula 03 | 17/08 - O Brasil no futuro do mundo

Incerto. Essa é a resposta para quando perguntam como é o futuro do Brasil. No entanto, pode-se ir além. Considerando tendência como a direção para qual um sistema tende a mover-se e risco como a possibilidade de ocorrer um determinado acontecimento no futuro, é possível fazer algumas previsões de quais serão os desafios que o país enfrentará, de acordo com a avaliação do presente.

Uma tendência é que de a população mundial continue crescendo, podendo chegar a nove bilhões de habitantes em 2050, e no Brasil isso não é diferente. Entretanto, o crescimento será em ritmo desacelerado, tendendo sempre a ser menor do que o do ano anterior. Segundo dados do IBGE, o Brasil irá se transformar em um país de idosos. É preciso, portanto, que estejamos preparados para lidar com os riscos, como por exemplo, a quantidade menor de pessoas economicamente ativas (PEA) na

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

população. Um não preparo da previdência para lidar com a nova idade média do povo pode resultar em problemas para a economia brasileira. Outra tendência para o Brasil é o avanço da tecnologia e dos aglomerados urbanos.

Para lidar com essas mudanças, no entanto, é necessário agir. O custo de inação, ou seja, o ônus causado pela inércia diante de um risco, pode ser mais caro do que tomar uma atitude agora. Uma Reforma na Previdência se faz necessária para lidar com a diminuição da PEA no Brasil, mas se feita de forma democrática e com ampla tomada de consciência da população sobre sua necessidade. Da mesma forma que os centros urbanos precisam estar preparados para receber mais pessoas e o interior pronto para se transformar.

Entretanto, como é possível construir esse Brasil do futuro preparado para lidar com suas tendências e riscos? É preciso que o povo esteja consciente de quais serão esses desafios e do esforço coletivo que será necessário para lidar com eles. Exemplos de países com consciência dos riscos são Suíça, Austrália e Coreia do Sul. O que há em comum entre eles é o fato de que todos apresentam universidades entre as 100 melhores do mundo. Isso é, portanto, um alerta para a importância do investimento em educação para que um povo tome sabedoria das tendências e haja contra os riscos. Assim, é apenas investindo nesse setor que o Brasil conseguirá fazer sua população ser capaz de construir o futuro, amando o seu destino.

Aula 04 | 24/08 - Tendências Climáticas e os Acordos de Paris

A mudança do clima é uma tendência da atualidade e um grande risco para a vida. A temperatura média global tem aumentado nos últimos anos e isso se deve principalmente a grande emissão de gases de efeito estufa, sendo o CO₂ o maior protagonista. Eles, basicamente, são emitidos devido à contribuição antrópica e são responsáveis por reter calor na atmosfera.

Por conta da saturação do assunto, abordado de forma superficial nas salas de aula e pela mídia, o aquecimento global passou a ser visto com certa irrelevância por parte da população mundial. No entanto, é preciso que se entendam seus riscos. A mudança climática causa, por exemplo, a intensificação dos fenômenos climáticos

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

extremos. Segundo uma matéria publicada pela Agência Brasil, para cientistas do Programa de Investigação da Mudança Global dos Estados Unidos (CSSR, em Inglês), o recente furacão Irma, que atingiu países do Caribe e parte dos EUA, é uma das evidências do aquecimento global e de como ele causa uma incidência maior de furações destrutivos.

A mudança climática tem causado também o aumento da temperatura das águas superficiais, o que afeta de forma crítica e irreversível os ecossistemas. O problema torna-se maior ainda se pensarmos que os mares consomem cerca de 30% do CO₂ presente na atmosfera e que sem este ecossistema equilibrado, maior será o aquecimento e maiores serão os riscos.

Ademais, é válido ressaltar que há uma distribuição desigual dos impactos. Ou seja, o aquecimento global e as suas consequências afetam principalmente aqueles que são menos favorecidos e que têm menos condições de mitigar o problema, como países subdesenvolvidos.

Assim, para lidar com essa tendência global e seus riscos, é necessário o cumprimento do Acordo de Paris, considerado histórico. O Brasil, em especial, é um país emergente importante e precisa cumprir com suas promessas. Estão entre elas a redução da emissão de carbono em 37% até 2025 e em 43% até 2030, e o fim do desmatamento ilegal da Floresta Amazônica até o mesmo ano. Além disso, a população mundial precisa adotar uma atitude não passiva frente esse problema, contribuindo com suas escolhas individuais.

Aula 05 | 31/08 - Tendências Migratórias e a Declaração de Nova York

Migrações forçadas e urgências políticas: esse é um tema tendência que tem se intensificado nos últimos anos e que pode gerar riscos e, principalmente, atuar como identificador de riscos.

A grande quantidade de pedidos de refúgio em diversos países do globo tem chamado a atenção da população e da mídia mundial. Só o Brasil, que em 2007 recebeu cerca de 600 pedidos de refúgio, atualmente recebe mais de 35 mil. Isso, por sua vez, identifica duas outras tendências globais: a maior interação entre as nações e a crescente calamidade política e humanitária.

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

A Lei Brasileira de Refúgio é ampla e considera como passível de reconhecimento com o status jurídico de “refugiado” não só aqueles indivíduos que são perseguidos por motivos individuais (raça, religião, grupo social ou opiniões políticas, por exemplo), mas também aqueles que sofrem um grave e generalizado desrespeito dos Direitos Humanos. Trata-se, portanto, de uma ação positiva, já que há a necessidade de proteger todas as pessoas em risco, principalmente os grupos mais vulneráveis.

A grande quantidade de pedidos de refúgio, no entanto, também se deve a ausência de oportunidade de regularização de migrantes econômicos, o que os leva a entrarem com o pedido de reconhecimento do status jurídico. Essa é uma alarmante tendência, haja vista a importância econômica do país, principalmente na América Latina.

A Declaração de Nova York, por sua vez, vem para reforçar a importância da solidariedade internacional com os refugiados. Apesar de ser vista por muitos como “apenas um documento sem soluções práticas”, da mesma forma que a Declaração dos Direitos Humanos revolucionou a política, espera-se que a nova declaração revolucione a forma como as nações enxergam essas pessoas - que, por sua vez, não são um risco. A situação em que se encontram seus países de origem e o preconceito que ainda existe, causado pela intolerância das diferenças, é que são. No próprio Brasil, um caso recente chocou o país, quando o sírio Mohamed Ali foi ameaçado com um pedaço de madeira por um brasileiro no meio de Copacabana. Uma das funções da declaração é justamente combater esses casos.

Aula 06 | 14/09 - Tendências Migratórias e Políticas de Inserção

Habilidade de aceitar o outro como ele é, atitude de oferecer ajuda no caso de necessidade e competência para criar um modelo de patrocínio privado para reassentamento de refugiados. Esses são os diferenciais do Canadá para enfrentar a crise migratória que afeta o mundo atualmente.

As políticas de inserção são essenciais para lidar com a tendência migratória e o Canadá é um exemplo disso. Além de terem ampliado a sua definição de refugiado em

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

relação à estabelecida pela Convenção de Genebra, o país é líder no apoio a reinstalação de refugiados. Sob a ideia de que estes são pessoas em movimento forçado por circunstâncias fora de seu controle, o governo federal do Canadá oferece apoio financeiro de até um ano, treinamento de idiomas, cursos de capacitação e serviço público de saúde e educação para aqueles que chegam a seu país por razões humanitárias.

No entanto, enquanto o país não mede esforços para ser considerado um exemplo quando se trata de refúgio, o mundo simplesmente assiste de forma passiva uma criança morta na beira do mar. Em setembro de 2015, o corpo de um garoto de cinco anos foi encontrado em uma praia turca após um naufrágio e, apesar do apelo jornalístico em cima do assunto, pouco foi mudado em outras nações após a repercussão da notícia. Muitos países, especialmente alguns europeus, continuaram fechando suas fronteiras, muitos com justificativas de proteção contra o terrorismo, enquanto o Canadá aceitou o pedido de refúgio da família do menino.

O terrorismo, por sua vez, não é um risco causado pela imigração, mas pelo extremismo religioso, que afeta principalmente os países de onde saem muitos refugiados. O risco real existente quando se fala de imigração forçada é o de pessoas perderem a vida em travessias perigosas, não terem permissão para entrar no país desejado, não acharem emprego e não conseguirem voltar para suas casas.

Assim, o Canadá ensina que migração trata de humanos, não de terroristas. Segundo o site Caminhos para o Refúgio, o Ministério da Justiça brasileiro se juntou ano passado ao governo e entidades canadenses para inspirar medidas de apoio aos migrantes. Assim, seria possível fazer com que o Brasil entendesse que reassentar também é sua responsabilidade e que apoiar é uma das obrigações da sua sociedade civil e do seu setor privado.

Aula 07 | 21/09 - Tendências Migratórias: Memória e Identidades

Enquanto atualmente mais de 35 mil pessoas pedem refúgio para o Brasil, no passado o país fazia políticas de migração para suprir a sua demanda de mão de obra nas lavouras de café e nas indústrias do país. Os contextos são muito diferentes, mas

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

caracterizam o Brasil como um país que sempre teve um grande número de migrantes em sua população.

De 1870 até a década de 1930, o governo brasileiro subsidiou a vinda de imigrantes europeus e os ofereceu trabalhos nas fazendas de café para poder desenvolver economicamente o país. Chegando ao Brasil, eles eram comumente levados para a Hospedaria de Imigrantes do Brás e de lá, eram encaminhados para as lavouras. No entanto, é importante ressaltar que os imigrantes vinham para o país em navios insalubres e, quando chegavam, muitas vezes viviam em situações análogas a escravidão. Além disso, o governo incentivava a vinda apenas de “imigrantes desejados”, excluindo algumas nacionalidades e etnias, já que também existia a intenção de promover um “embranquecimento da população brasileira”.

A forte presença dos imigrantes no país fez com que houvesse um forte costume da população de não se sentir brasileira quando pertencente a uma família de origem estrangeira. Entretanto, apesar desse “orgulho” em ser descendente de imigrantes, há uma contradição do país nesse aspecto, já que ainda são frequentes os casos de xenofobia e racismo - o que, infelizmente, são riscos crescentes em um mundo onde a imigração forçada e os movimentos nacionalistas são tendências concomitantes.

Outro triste risco é o sumiço da memória, o que causa um problema para a preservação da identidade e da história. No entanto, os museus são uma das formas de resgatar e salvar do esquecimento lugares e momentos importantes. O museu é uma instituição da sociedade que a faz pensar sobre si mesmo. Um dos importantes museus de São Paulo é o da Imigração, que preserva a memória de uma parte tão importante da história do Brasil. Portanto, é essencial saber que os museus têm como função ressaltar a coragem e a resiliência dos imigrantes, e também frisar a importância do imigrante para a construção do país em vários aspectos.

Aula 08 | 28/09 - Conflitos Armados e a Promoção da Paz: Sérgio Vieira de Mello

Muitos dos considerados “grandes homens” hoje em dia surgiram devido a casos de violência em nome de países ou de poder, e poucos são aqueles que foram considerados mártires por lutarem contra ataques ligados a forças políticas. Sérgio Vieira de Mello era Alto Comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos, um pacifista e, acima de tudo, um funcionário público que zelava pela humanidade. Sérgio

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

foi um desses poucos heróis e foi morto em 19 de agosto de 2003, após um atentado em Bagdá. Ele deu seu sangue por um povo de uma nação que não era a sua, sem ser militar ou ter alguma ligação com interesses de determinado Estado.

Sérgio era brasileiro e, apesar de ter orgulho disso, nunca foi visto da forma que merecia no país. No entanto, é importante questionar o quanto o Brasil não teria ganhado se ele tivesse voltado para o país, como pretendia. A nação, que tanto convive com problemas humanitários, poderia ter sido muito beneficiada por esse homem que era um provedor do bem.

Sérgio era, portanto, um grande símbolo da ONU e de tudo que ela representa. Sendo uma organização que visa à segurança internacional e o alcance da paz entre as nações, também eram esses fatores que o motivavam a ir pessoalmente a países em guerra para ajudar em negociações de paz, na proteção e regresso da população, e na sua reconstrução. Desse modo, organizações internacionais como a ONU e figuras como Sérgio são essenciais em um mundo que tem como tendência o acirramento dos conflitos entre países e como risco o uso de armas cada vez mais destrutivas.

Além disso, Sérgio foi importante não só para espalhar pelo mundo uma mensagem de paz entre os povos, mas também para deixar heranças para própria ONU. Uma vez ele disse que era o povo deveria estar em primeiro lugar, e não a política. Sendo assim, ele fez com que a organização mudasse e passasse a pensar mais na segurança de seus militares e dos povos, em detrimento das resoluções diplomáticas. Dessa maneira, Sérgio deixou uma importante marca na ONU e em todos os países onde pisou.

Considerações Finais

O primeiro ciclo de palestras, que foram ministradas entre agosto e setembro de 2017, me fez refletir mais sobre temas que, apesar de muito esgotados pela mídia - de forma superficial - são altamente relevantes.

Com a elaboração do ensaio, ampliei meu senso crítico em relação aos temas principais discutidos durante o bimestre e consegui relacioná-los às Tendências e Riscos Globais do atual século, chegando também a possíveis modos de mitigar os riscos.

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

Demais, ao fazer relações com a minha área de interesse, a comunicação social, consegui enxergar o papel da minha futura profissão para conscientizar a população sobre o perigo da inação frente aos problemas que podem resultar das tendências mundiais.

Por fim, as palestras e o ensaio em si se mostraram essenciais para que eu ampliasse meu conhecimento sobre temas tão importantes e percebesse como a migração e o refúgio trabalham com a vida humana, como a interatividade internacional está mais presente no dia a dia do que imaginava e como as mudanças climáticas podem afetar a nossa vida mais rapidamente e intensamente do que é pensava.

Referências

BIANCHI, Paula. **Brasil vai se tornar um país de idosos já em 2030, diz IBGE.** *Terra*. Rio de Janeiro. 29/nov/2013. Disponível em:

<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/brasil-vai-se-tornar-um-pais-de-idosos-ja-em-2030-diz-ibge,91eb879aef2a2410VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html>. Acesso em: 3/out/2017.

BRASIL. **Pretendida contribuição nacional determinada para consecução do objetivo da convenção-quadro das Nações Unidas sobre mudança do clima.** Brasília, 2015.

BRASIL ESCOLA. **A chegada dos imigrantes.** Disponível em: <http://brasilecola.uol.com.br/historiab/a-chegada-dos-imigrantes.htm>. Acesso: 01/out/2017.

BONAS, Marília. **Imigração e refúgio no Brasil e no mundo hoje: a hora e a vez dos museus.** Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4119545/mod_resource/content/2/CAMOC_Atenas_marilia.pdf. Acesso em: 01/out/2017.

DOLCE, Júlia. **Brasil de Fato: Brasil deve avançar na integração de refugiados, dizem especialistas.** Disponível em: http://www.conectas.org/pt/acoes/midia/noticia/48310-brasil-de-fato-brasil-deve-avancar-na-integracao-de-refugiados-dizem-especialistas?gclid=EAlaIQobChMIhO_nuajt1QIVD4CRCh0oKgu8EAAYASAAEgIg5fD_BwE. Acesso em: 19/set/2017.

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso
Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

FELIPE, Leandro. **Cientistas dizem que furacões como o Irma são evidência de aquecimento global.** *Agência Brasil*. Atlanta. 14/set/2017. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2017-09/cientistas-dizem-que-furacoes-como-irma-sao-evidencia-de-aquecimento>. Acesso em: 20/set/2017.

G1. **Família de criança encontrada morta na praia tentava ir para o Canadá.** *G1*. São Paulo. 03/set/2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/09/familia-de-crianca-encontrada-morta-na-praia-tentava-ir-para-o-canada.html>. Acesso em: 19/set/2017.

Gessica. **Brasil, ACNUR e Canadá discutem financiamento privado para reassentamento e integração de refugiados.** Disponível em: <http://caminhosdorefugio.com.br/brasil-acnur-e-canada-discutem-financiamento-privado-para-reassentamento-e-integracao-de-refugiados-acnur-26022016/>. Acesso em: 19/set/2017.

HERZ, Mônica; HOFFMAN, Andrea Ribeiro. **Organizações Internacionais: história e práticas.** n°. ed. 10. Rio de Janeiro. Elsevier. 2004. p.9-20.

MARCOVITH, Jacques. **O Brasil no futuro do mundo.** In: Revista Brasileira. Fase VIII. Outubro-Novembro-Dezembro de 2013. Ano II. n°. 77. Ciclo “Futuro do Presente - o Brasil imaginado”. p.115-128.

MARCOVITH, Jacques. **Um brasileiro na história do mundo.** In: MARCOVITH, Jacques. Sérgio Vieira de Mello: Pensamento e Memória. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo. 2004. p.13-26.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Acordo de Paris.** Disponível em: <http://www.mma.gov.br/clima/convencao-das-nacoes-unidas/acordo-de-paris>. Acesso em: 20/set/2017.

NASCIMENTO, Luciano. **Relatório do Acnur mostra aumento do pedido de refúgios no Brasil em 2016.** *Agência Brasil*. Brasília. 19/jun/2017. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2017-06/relatorio-da-acnur-mostra-aumento-do-pedido-de-refugios-no-brasil>. Acesso em: 19/set/2017

NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL. **Declaração de Nova York é ‘oportunidade única’ para refugiados, diz agência da ONU.** Disponível em: <https://nacoesunidas.org/declaracao->

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso
Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

[de-nova-york-e-oportunidade-unica-para-refugiados-diz-agencia-da-onu/](#). Acesso em: 20/set/2017.

VIANA, Gabriela. **Refugiado sírio é atacado em Copacabana: 'Saia do meu país!'**. *O Globo*. 03/ago/2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/refugiado-sirio-atacado-em-copacabana-saia-do-meu-pais-21665327>. Acesso em: 19/set/2017.

Gabriel Rezende Weichert (POLI)

Introdução

Este ensaio visa a sintetizar o conteúdo ministrado na disciplina pelos docentes e pelos palestrantes, contendo também conteúdos julgados pertinentes pelo autor. O tema do presente ensaio, “Tendências e Riscos globais”, dada a sua grande abrangência, será abordado primeiramente de forma teórica e mais abstrata, apresentando conceitos que serão importantes para a parte seguinte e para o segundo ensaio. Posteriormente, serão abordados em maior profundidade os temas Clima e Migração.

As Relações Internacionais e seus pressupostos sociológicos e políticos

Historicamente, nota-se entre as nações uma forte tendência de estabelecerem contato entre si e posteriormente aproximarem-se, seja de forma construtiva ou destrutiva. A interatividade internacional, definida como o nível de complexidade e intensidade da relação entre nações, é o principal objeto de estudo das Relações Internacionais. Os diferentes graus de interatividade encontram-se esquematizados na Figura 1.

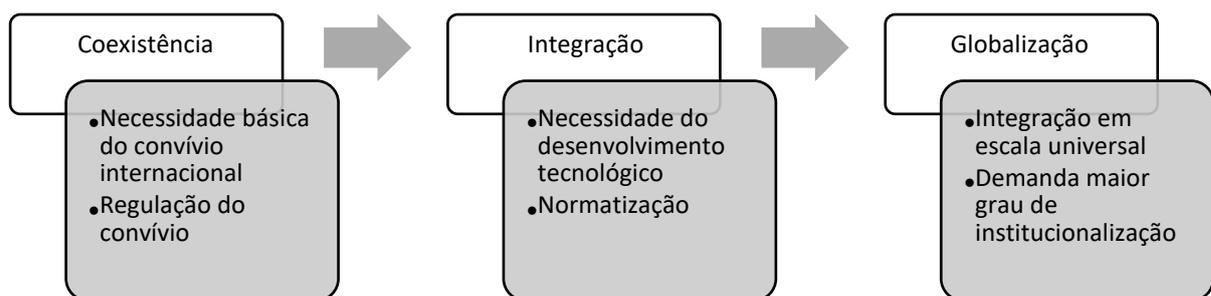
Na Era Antiga, há vários exemplos de contatos entre nações diferentes, comumente negativas, como as relações conflituosas entre gregos e persas ou a

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

destruição da nação cartaginesa por Roma. Data de 1259 a.C. o Tratado de Kadesh, comumente apontado como o primeiro tratado estabelecido entre diferentes nações por ser o mais antigo que tenha sobrevivido até os dias atuais. Estabelecendo os termos de uma relação pacífica entre egípcios e hititas, é um exemplo do primeiro nível de interatividade internacional: a coexistência.

A coexistência entre nações resulta da necessidade de regulação do convívio entre elas, através de tratados e acordos internacionais. Ressalta-se que a intenção destes tratados não é regular normas de convivência social, afinal esse papel é do Estado. Exemplos de finalidades desses tratados são a determinação de fronteiras ou o estabelecimento de alianças militares, sejam elas defensivas ou ofensivas.

Figura 1 – Os diferentes graus de interatividade internacional



Fonte: elaborado pelo autor.

Segundo Lopes (2005), antes de haver padronizações, as medidas eram expressas em termos imprecisos e ineficazes, como o palmo ou a polegada. Posteriormente, essas medidas foram institucionalizadas pelos governos de formas particulares: o primeiro registro dessa institucionalização em Portugal, primeiro país constituído da forma que é mais comum na atualidade, data do ano de 1253. A Lei da Almotaxaria tabelou os preços de diversos produtos, definindo uma unidade de medida – o dinheiro. Com a criação do sistema métrico decimal no contexto da Revolução Francesa, posteriormente difundido até se tornar gradativamente universal com a Revolução Industrial, estabeleceu-se o passo seguinte na interatividade internacional: a integração.

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

Com o avanço tecnológico, tornou-se necessária a normatização de temas comuns como resultado das diversas rupturas que marcaram o século XX e têm marcado a contemporaneidade.

Isso acabou por quebrar diversas barreiras políticas, econômicas e socioculturais, integrando cada vez mais as diferentes nações, em escala cada vez maior, atingindo cada vez mais países, até alcançar o processo de globalização, ou seja, a integração internacional em escala universal, fazendo surgir uma nova demanda de institucionalização do sistema internacional.

O processo de globalização conduz os países a pensar de forma coletiva os riscos comuns a todos ou a muitos deles, afinal o custo de inação tende a ser muito maior na escala global. Passam a ser abordados integradamente temas como transição demográfica, urbanização, mobilidade, energia, telecomunicações, habitação, saneamento, catástrofes climáticas, mudança climática e biodiversidade que antes eram abordados de forma local, e conseqüentemente limitada.

Ressalta-se nesse momento que o processo de globalização deve ser encarado de forma cuidadosa. Deve ser buscada não uma substituição da cultura da comunidade pela da chamada “aldeia global”, mas sim um equilíbrio entre a preservação de tradições e elementos de identidade e a integração com outras comunidades. Um bom exemplo desse equilíbrio é a cidade de Barcelona que, ao mesmo tempo que é extensamente globalizada, ainda preserva de forma intensa a cultura catalã.

Além disso, há uma infinidade de outros riscos associados ao processo de globalização. A migração, por exemplo, é algo que ocorria com intensidade muito menor antes das barreiras entre os países serem derrubadas. Isso tem levado muitas nações consideradas zonas de atração voltarem a levantar suas barreiras, por vezes fisicamente.

De forma geral, os riscos intrínsecos ao sistema global podem ser classificados em:

- Econômicos, afinal o sistema financeiro também passa a funcionar de forma internacional, diferentemente das economias nacionais, que possuem suas próprias moedas, políticas econômicas e dívidas. Os riscos econômicos estão associados à

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

certeza de ocorrerem crises em efeito dominó, a disputas cambiais, ao endividamento e ao ressurgimento de políticas protecionistas.

- Geopolíticos, relacionados à quebra de barreiras diferentes da econômica, como a de pessoas, ideias ou telecomunicações. Alguns dos riscos geopolíticos são o terrorismo, o crime organizado, os conflitos armados, o radicalismo religioso, os fluxos migratórios múltiplos e doenças crônicas e pandemias.

Esses riscos, nesse começo de século XXI, têm resultado em três cenários radicais distintos. O primeiro é o cenário do medo, em que predominam os discursos xenofóbicos como tentativa de unir o país em torno da identidade nacional e encontrar um inimigo comum: o estrangeiro. Esse cenário resultou na eleição de Trump, nos EUA, no Brexit e no retorno da ultradireita ao parlamento alemão.

O segundo cenário é a esperança, em que líderes como Angela Merkel e Emmanuel Macron buscam lidar com os riscos de formas menos radicais e muitas vezes questionadas, como a abertura das fronteiras para receber refugiados praticada pela Alemanha em meio à crise migratória resultante da guerra civil síria.

O terceiro cenário é o autoritarismo. Muitos países acabaram enveredando pelo caminho das restrições de liberdades e centralização política, fechando regimes na tentativa de proteger-se dos riscos. Exemplos desse cenário são a Rússia, governada por Vladimir Putin, a Turquia de Erdogan e a China.

No contexto de buscar a institucionalização das relações internacionais, surgem as organizações internacionais, para lidar com as diversas temáticas que envolvem o processo de globalização, associadas, de forma geral, à emergência de riscos, aos aspectos econômicos, aos direitos humanos e às questões ambientais.

Surgem assim regras fixadas por modelos e parâmetros comuns, trazendo uma tendência de uniformização de políticas públicas internacionais fazendo uso do conceito de *soft law*, ou seja, normas recomendadas por organizações internacionais e adotadas pelos países por conveniência ou coerção.

De forma geral, há dois tipos de entes internacionais. As ONGs internacionais e as empresas multinacionais surgem de forma espontânea, pois surgem em um país, dito centro ou *hub*, e passam por um processo de expansão atingindo outros países. Já as

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

organizações internacionais são constituídas por Estados e, possivelmente, outros entes internacionais, através de tratados e possuem personalidade jurídica internacional, ou seja, não possuem um centro de onde se irradia o poder da organização – diferentemente do que ocorre com ONGs e multinacionais.

As atribuições e poderes de uma organização internacional são definidos em seu tratado constitutivo. Em geral, as organizações internacionais podem ser classificadas pela sua abrangência geográfica e temática. Nesse ensaio, serão abordados de forma evidente algumas delas, como o Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática (IPCC) e o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR).

Tendências Climáticas

A questão climática foi tratada pela primeira vez em âmbito internacional na Conferência de Estocolmo em 1972, originando os debates sobre o que foi posteriormente definido por Gro Harlem Brundtland e hoje rege grande parte das decisões: o de desenvolvimento sustentável.

“Desenvolvimento sustentável é aquele capaz de suprir as necessidades da geração atual sem comprometer a capacidade de atender as necessidades das futuras gerações” (World Commission on Environment and Development, 1987).

Nesse contexto, foi criado em 1988 o Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática (IPCC), uma organização de caráter técnico-científico cujo propósito seria estudar a mudança climática e divulgar relatórios periódicos. Em todo seu período de atuação, o IPCC produziu diversos informes a respeito da mudança climática e, em 2007, recebeu o Prêmio Nobel da Paz juntamente com Al Gore “pelos esforços para construir e disseminar conhecimento sobre o papel antrópico na mudança climática e por deixar as fundações para que medidas pertinentes sejam tomadas”.

A questão climática é um excelente exemplo do que representa o custo da inação e a consciência dos riscos – ou a falta dela. Há vários anos os cientistas alertam a comunidade internacional a respeito do aquecimento global e do risco que ele

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

representa para a perda de biodiversidade, para o aumento da temperatura global e dos níveis oceânicos, para o aumento da frequência de catástrofes naturais, entre outros.

A despeito de todos esses riscos, os governos têm hesitado muito no momento de se comprometerem a reduzir suas emissões de gases estufa. Um caso emblemático é a recusa dos EUA de assinarem o Protocolo de Kyoto, em 1997, alegando que prejudicaria sua economia. Felizmente, aos poucos isso vem mudando: o Acordo de Paris, assinado na COP21, estabeleceu uma meta de aumento da temperatura a 1,5 °C acima dos níveis pré-industriais. Para isso, foram definidas por cada país – com elevado grau de liberdade nas negociações – contribuições nacionalmente determinadas.

Entretanto, embora o Acordo de Paris seja um marco na luta contra o aquecimento global, ainda há muito o que se fazer. O IPCC afirma que 1,5 °C ainda causará um impacto significativo sobre o meio ambiente, especialmente sobre ecossistemas mais vulneráveis e sobre a ocorrência mais frequente de eventos climáticos extremos. Além disso, há ainda o temor de que alguns dos maiores emissores de gases estufa se recusem a cumprir suas contribuições, como os EUA de Trump, pois, embora a Dra. Thelma Krug mencione em sua apresentação que isso é improvável, sabe-se que é um risco a ser considerado.

Tendências Migratórias

Como já mencionado anteriormente, o processo de globalização quebrou inúmeras barreiras que separavam as nações anteriormente, inclusive a que impedia pessoas de atravessarem fronteiras. Isso acaba levando muitas pessoas a migrarem para outros países que não os de sua origem, por motivos diversos. O mais preocupante deles é, sem dúvida, o refúgio.

Refugiado é, segundo a Conferência da ONU sobre Refugiados de 1951, sediada em Genebra, qualquer pessoa que tem fundado temor de perseguição por razões de raça, religião, nacionalidade, pertencimento a um grupo particular, opinião política, está fora de seu país de origem e está impossibilitado de retornar ou, devido ao supramencionado

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

temor, não deseja se submeter à proteção do seu país de origem. Essa mesma Conferência definiu que todos os seus signatários deveriam ter a obrigação de acolher refugiados, proporcionando a eles acesso ao território e ao sistema de refúgio.

Em 1950, foi criado o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), na intenção de solucionar a crise migratória resultante da Segunda Guerra Mundial. Hoje, a jurisdição do ACNUR reside na proteção jurídica e física dos refugiados, além de buscar soluções duradouras para eles, como a repatriação voluntária.

Atualmente, o mundo passa pela maior crise migratória desde a Segunda Guerra Mundial: são mais de 65 milhões de pessoas forçadas a se deslocar, sendo que 51% são crianças, que possuem um grau de vulnerabilidade muito maior. Destaca-se também que 86% dos refugiados residem em países vizinhos aos seus países de origem, como Turquia, Líbano e Jordânia.

Essa crise não tem uma perspectiva de ser solucionada em curto prazo. Ainda há um aumento constante no número de deslocados devido à persistência das tensões e à crescente facilidade de deslocamento.

Nesse contexto de crise, surge em 2016 a Declaração de Nova York sobre Refugiados e

Migrantes, que reafirma os direitos já estabelecidos dos refugiados e migrantes e propõe a formulação de um acordo mais robusto. Também oferece avanços conceituais, como ao propor que a responsabilidade sobre os refugiados não deve ser centralizada no Estado, no que é conhecido como *whole society approach*.

Esse é um sistema já implementado de forma sistemática no Canadá, país considerado referência em receber refugiados. Nesse país, refugiados podem ser “patrocinados” por entidades da sociedade civil, como ONGs, igrejas e associações de moradores. Essas entidades oferecem aos seus novos integrantes uma residência, roupas, cursos de idiomas, entre outros, o que acaba sendo decisivo ao integrar essas pessoas na sociedade.

Entretanto, sistemas complexos de refúgio como o canadense são difíceis de serem encontrados por um motivo simples: são caros e exigem ampla participação e boa vontade da sociedade.

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

Conclusão

De todos os aspectos examinados pelos docentes e pelos palestrantes ao longo desse primeiro bimestre de curso, o que mais chamou a atenção do autor é a necessidade da empatia. A empatia, aspecto da humanidade tão vital para as relações interpessoais, e tão em falta quando muitos países ditos desenvolvidos tecem suas políticas públicas, especialmente nos temas tratados no presente ensaio.

A empatia é, certamente, o aspecto que mais chamou a atenção tanto na palestra de Marília Bonas quanto no documentário “A Caminho de Bagdá”. Marília Bonas e Sérgio Vieira de Mello exercem constantemente o que a primeira chama de escuta empática, ou seja, se despir de opiniões pessoais, convicções próprias, superar o abismo existente entre duas pessoas que vivem em universos distintos e, dessa forma, compreender o que se passa na mente do seu interlocutor.

A empatia é o que levou Sérgio Vieira de Mello a obter tantos frutos em seus trabalhos em Moçambique, no Camboja e no Timor Leste. É o contato físico e a conversa que o levaram a ser convidado a se encontrar com os líderes do Khmer Vermelho. A sua forma de interagir com outras pessoas é o que proporcionou aos países por onde ele passou a construção da paz. É também tudo isso que o tornou alvo da Al Qaeda.

Portanto, para mim, além de todo o aprendizado técnico sobre as relações internacionais – já mencionado nas seis páginas que antecedem essa conclusão –, o primeiro bimestre da disciplina diz muito sobre como a empatia deve ser empregada na construção do futuro.

Referências Bibliográficas

1. BRYCE, Trevor. The Kingdom of the Hittites. Oxford, 1999. Oxford University Press.
2. CANDELORI, Roberto. Morte de Sérgio Vieira de Mello: brasileiro membro da ONU morre em atentado terrorista no Iraque. Folha de São Paulo, 01 nov. 2003. Disponível em: <https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/morte-de-sergiovieira-de-mello-brasileiro-membro-da-onu-morre-em-atentado-terrorista-noiraque.htm>. Data de acesso: 04/10/2017.

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso
Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

3. CARBAJOSA, Ana. Avanço da ultradireita na Alemanha estraga vitória de Angela Merkel. EL PAÍS. Berlim, 25 set. 2017. Disponível em:
https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/24/internacional/1506267027_800182.html.
Data de acesso: 04/10/2017.
4. Convention and Protocol Relating to the Status of Refugees. 1951, Genebra. Disponível em: <http://www.unhcr.org/3b66c2aa10>. Data de acesso: 04/10/2017.
5. INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE. History. Disponível em: http://www.ipcc.ch/organization/organization_history.shtml. Data de acesso: 04/10/2017.
6. LOPES, Luís Seabra. A cultura da medição em Portugal ao longo da história. Educação e Matemática, nº 84. Associação de Professores de Matemática, 2005, p. 42-48.
7. MELLO, Sérgio Vieira de. Cinco Questões sobre Direitos Humanos. Simpósio do ACNUR, Nova York, 2003. Disponível em: <https://www.usp.br/svm/textos/t-dh-30.php>. Data de acesso: 04/10/2017.
8. MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Acordo de Paris. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/clima/convencao-das-nacoes-unidas/acordo-de-paris>.
Data de acesso: 04/10/2017.
9. WORLD COMISSION ON ENVIRONMENT AND DEVELOPMENT. Our Common Future. 1987. Disponível em: <http://www.un-documents.net/our-common-future.pdf>.
Data de acesso: 04/10/2017.

Construindo o futuro: o diálogo e a integração internacional

1. Organizações internacionais

As relações internacionais fornecem um olhar sistêmico acerca da interação política, econômica e social entre os diversos países do globo. Ao longo do processo de formação e estabelecimento das nações, tornou-se necessário criar mecanismos que regulassem e documentassem as interações internacionais.

São conhecidos diversos tratados entre países que definiam as relações comerciais, militares e territoriais. Após o processo de formação dos Estados nacionais, entre os séculos XIV e XV, são notáveis algumas dessas alianças. Um ponto importantíssimo da história do Brasil foi o Tratado de Tordesilhas, que dividiu as terras americanas entre os poderes coloniais espanhol e português. É claro que muito antes do surgimento das nações modernas, certos impérios e cidades-Estado já se relacionavam por meio de tratados e pactos. Não é incomum ouvir sobre tratados protagonizados por gregos, romanos e outras entidades balcânicas e do Oriente Médio. Podemos citar o caso de Cartago e Roma que, em meados de 500 a.C., assinaram um acordo diplomático acerca de suas zonas de influência no Mediterrâneo.

À medida que estruturas intranacionais e internacionais foram tornando-se cada vez mais complexas, é natural que o nível organizacional das relações internacionais tenha se tornado mais profundo. Surgem, a partir desse ponto, as chamadas organizações multilaterais. Em essência, essas entidades são criadas e compostas por diferentes países para alcançar acordos em temas como comércio, cultura, relações militares e, inclusive, a paz. Essas entidades permitem manter equilíbrios entre os interesses entre as nações.

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

Um exemplo de organismo multilateral embrionário foi a Liga das Nações. Seu papel primário seria assegurar a paz mundial, sendo considerada por muitos a precursora da Organização das Nações Unidas, ONU. Apesar de congrega um número considerável de nações ao redor do mundo e ter propósitos interessantes, a Liga das Nações é também um caso de fracasso: não conseguiu frear aspirações da Europa fascista – a invasão italiana da Etiópia em 1936 e o imperialismo da Alemanha Nazista. Em 1946, seguinte ao término da Segunda Guerra Mundial, a Liga já estava extinta. Após o fracasso da Liga das Nações, criou-se a ONU com o propósito de promover a cooperação internacional sob diversos aspectos. Amparada a partir de doações de países membros, a Organização é um player importantíssimo na diplomacia internacional: seu Conselho de Segurança pode autorizar desde sanções econômicas à países hostis à segurança internacional como também o envio de tropas a essas nações.

Apesar de significativas melhoras em relação à Liga das Nações, a ONU também é alvo de críticas: desde atuações desastrosas em conflitos como o Genocídio de Ruanda até o número restrito de países que compõe seu Conselho de Segurança. O Brasil, inclusive, tem pleiteado um assento neste Conselho. Entretanto, com as recentes crises econômicas e políticas, o papel brasileiro de potência emergente passa a ser questionado. A capacidade da ONU em evitar guerras também tem sido posta em xeque.

Vale citar que as organizações multilaterais são estabelecidas por países, com objetivos e governança específicos. As Organizações Não Governamentais, com vasto campo de atuação, são entidades diferentes: não são estruturadas pelo Estado, mas surgem como esforço de indivíduos e empresas para a concretização de uma certa causa.

2. A tecnologia e o futuro

É óbvio que os países estabelecem organizações multilaterais pois esperam que as mesmas possam, a partir de certo equilíbrio, resultar em vantagens para as várias partes envolvidas. É a partir desse equilíbrio,

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso
Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

diplomacia e diálogo que é possível a construção de países mais sólidos, abertos e fortes. Desta forma, se traça o caminho para um futuro de progresso.

Ser um país aberto significa estar plenamente acessível à evolução da ciência e à evolução tecnológica que a segue. E é a partir dessa evolução tecnológica que as lideranças globais podem melhorar suas governanças e podem integrar suas sociedades. Não só isso, países outrora marginalizados no cenário internacional serão capazes de promover uma guinada ao seu desenvolvimento enquanto nações ao adentrar na nova onda de revolução digital. O mundo estará, nas próximas décadas, adentrando em uma nova era e são as sociedades que definem se elas aproveitarão ou não dos benefícios dessa nova fase. Essa iniciativa parte de um engajamento harmônico entre diversos grupos sociais: jovens, governos, empresas e sociedade em geral. Afinal, o futuro pertence a todos.

No caso específico do Brasil, tradicionalmente um país fechado, tanto ao mercado internacional quanto à inovação, se faz necessária uma mudança de paradigmas. É necessário que haja investimentos pesados em tecnologia, não só a partir do governo, mas também em conjunto com a iniciativa privada. É fundamental que o Estado facilite os empreendimentos individuais, os trâmites para a inovação e facilite a entrada do Brasil no mercado econômico internacional. Só assim será possível a plena inserção brasileira no mundo, e todos os setores sociais se beneficiarão disso. Haverá benefícios de todas as ordens, de econômicas até culturais: vantagens de um mundo cosmopolita no qual arte e cultura podem ser acompanhadas com maior facilidade.

3. Progresso: a necessidade do respeito ao meio ambiente

O futuro harmônico e progressista, abordado extensamente nesse texto, não existirá, sob nenhuma hipótese, com o esgotamento de recursos ambientais. O desmatamento e outros desrespeitos às configurações ambientais podem trazer certo benefício econômico a curto prazo, mas são, para todos os efeitos, planos de negócios insustentáveis, fadados ao fracasso e com consequências gravíssimas a médio e longo prazo. Esse imediatismo cego pode ser exemplificado pela agricultura na faixa de transição do Sahel: embora possibilite

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

o pastoreio em certas regiões, o uso extensivo do solo tem aumentado a faixa árida do Saara. Países com pequena faixa de floresta tropical, e grande faixa desértica, como o Mali, Níger e Chade podem estar presenciando o fim irreparável de suas parcas áreas férteis.

O desmatamento no Sahel, na floresta Amazônica, nas coníferas russas e nas florestas tropicais da Indonésia são casos famosos de desrespeito às mais diversas questões ambientais. Apesar de serem fenômenos localizados, possuem um impacto mundial: muito embora existam divergências, são vários os acadêmicos que sugerem uma relação direta entre o desmatamento e o aquecimento global. Portanto, é necessário que se aborde essa questão não de forma unilateral, mas sim envolvendo todas as nações do globo. Esse é um dos motivos que explica a existência de tantas organizações multilaterais no âmbito ambiental. É o caso do braço ambiental da ONU, da Agência Europeia de Ambiente e da Associação Mundial para Água.

Nesse sentido, o aquecimento global desponta como uma preocupação global e que necessita de grandes esforços para ser estudado e combatido. Este fenômeno pode acarretar uma série de malefícios, destacando-se: aumento das ondas de calor e precipitação e prolongamento das estiagens. Não só isso, o aumento nos níveis dos gases carbônico e metano na atmosfera (responsáveis pelo efeito estufa), estão diretamente ligados ao aumento das temperaturas de oceanos.

Além da criação de organizações de combate aos problemas ambientais, também são notáveis os tratados na área. No ano de 2015, foi estabelecido o Acordo de Paris. A partir dele, diversos países do globo se comprometeram a combater o desmatamento das mais diferentes formas possíveis, o que inclui a economia de energia, desenvolvimento de formas de energia sustentáveis e o reflorestamento. Um marco interessante desse acordo foi o maior engajamento dos países em desenvolvimento do que aquele observado na assinatura do Protocolo de Kyoto. Este, realizado em 1997, teve por objetivo a redução da emissão de gases de efeito estufa na atmosfera.

É sempre válido lembrar que, além dos esforços internacionais, é necessária uma rígida política ambiental nacional para que haja preservação de recursos nacionais. O Ranking de Performance Ambiental avalia a performance

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

a as políticas ambientais internacionais. O Brasil, num universo de 180 países, encontra-se na 46ª posição (1). Apesar da colocação não se apresentar de forma tão insatisfatória, é fato que a política ambiental do país é deficiente. Segundo o Atlas Mundial, o Brasil perde anualmente aproximadamente 13.400 milhas quadradas de florestas, o que o torna o líder isolado no quesito: a Indonésia, segunda colocada, perde anualmente 5.600 milhas quadradas (2). Os números apontam para um quadro, no mínimo, preocupante.

4. Refugiados e o descompasso entre as nações

Além dos entraves ambientais para a construção de um futuro próspero, o descompasso entre os mais diferentes países do globo também é uma grande barreira. Enquanto nações destacam-se pela produção industrial, como Alemanha, produção tecnológica, como o Japão, ou exportação cultural, como França e Itália, outros se destacam pelos níveis pífios de desenvolvimento, violência, guerras e formas autoritárias de governo.

As mais diversas deficiências apresentadas por um país contribuem para um quadro no qual parte de seus cidadãos são obrigados ou sentem-se compelidos a mudar de país. Formam-se os grupos de emigrantes e refugiados. É necessário, primeiramente, separar as duas categorias. Enquanto refugiados são indivíduos com status especial, garantidos a partir da Convenção de 1951, e que deixam seu país por motivos de perseguição racial, religiosa, política e grupo social, os migrantes não apresentam definição legal e jurídica internacional.

Existem diversas políticas de acolhimento de imigrantes, e que são variáveis de país a país. As nações com os maiores números absolutos de refugiados são a Turquia, o Paquistão, o Líbano e o Irã. Todos estes vizinhos a regiões conflituosas como Afeganistão, Síria, Iraque e Israel/Palestina. Já os países com o maior número de refugiados por habitante são o Líbano, a Jordânia e o Chade (3). Os números deste último podem ser explicados por sua proximidade com os problemáticos (e genocidas, segundo alguns observadores internacionais) conflitos do Sudão. Existem agências, no âmbito internacional, responsáveis por lidar com a questão dos refugiados: o Alto Comissariado da

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso
Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

ONU para Refugiados (ACNUR), por exemplo, “tem o mandato de dirigir e coordenar a ação internacional para proteger e ajudar as pessoas deslocadas em todo o mundo e encontrar soluções duradouras para elas”. É insustentável, para um refugiado, performar plenamente qualquer tipo de atividade em seu país de origem: seu deslocamento, trabalho e a própria vida estão em constante risco. Devem ser estimuladas as políticas que façam com que os refugiados também possam, individualmente, ter um futuro promissor. Não só isso, cabe à séria comunidade internacional boicotar os países que perseguem seus próprios cidadãos e restrinjam as liberdades individuais.

5. Políticas migratórias: casos de sucesso e controvérsias

A temática da imigração gera discussões muito mais acaloradas. É fato que a imigração também parte de uma diferença no nível de desenvolvimento entre as nações, e que cada uma possui uma política específica para os imigrantes. As Nações Unidas estimam que 3,3% da população mundial seja formada por imigrantes (4). Um total nada modesto de quase 250 milhões de pessoas.

Um país que tem acolhido grandes quantidades de imigrantes é o Canadá. Estima-se que 20,7% da população canadense tenha nascido fora do país (4). Em Toronto, mais populosa cidade do país, 35% da população pertence a etnias asiáticas, um grupo migratório distinto dos primeiros colonizadores franco-ingleses (5). O governo canadense tem implantado uma política de amplo auxílio aos imigrantes: facilidades na emissão de documentos, pagamento da passagem do país de origem ao Canadá e até patrocínio privado de imigrantes por grupos de empresas. Isso foi possível graças a uma conjuntura favorável no país: uma estrutura legislativa flexível, apoio popular e do setor privado.

É fato que, muito embora o caso canadense seja um exemplo de sucesso, o acolhimento – em especial massivo – de imigrantes deve ser estudado antes de posto em prática. O governo da alemã Angela Merkel foi criticado por um considerável setor da população germânica ao permitir a entrada de milhares de imigrantes entre 2015 e 2016. É preciso chegar às raízes dessa crítica e entender que todo tipo de política de Estado apresenta seus benefícios e

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso
Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

malefícios, que devem ser ponderados. A União Europeia, capitaneada pelas gigantes Alemanha e França, possui uma sólida política de imigração para seus países membros. Entretanto, existem divergências ideológicas dentro do bloco: Beata Szydło, primeira ministra da Polônia, disse, após os ataques de Paris, que seu país não aceitaria o número de imigrantes estipulado pelo sistema de quotas da União Europeia (6). Fica evidente, ainda se considerado os resultados das eleições alemãs de 2017, que não há consenso na Europa acerca da imigração, nem entre sua classe política nem entre sua população.

6. Brasil, São Paulo e a cultura dos imigrantes

Houve consenso sobre políticas migratórias em alguns períodos da história. No Brasil, entre os séculos XIX e XX, era um desejo entre a classe dirigente nacional que chegassem aos portos brasileiros o maior número possível de imigrantes. É claro que não se tratava de qualquer tipo de imigrante, mas sim daquele que se encaixasse no perfil desejado: fosse branco e, de preferência, católico. Estes imigrantes eram, sobretudo, desejados nas lavouras de café, uma vez que a commodity vivia seu boom internacional.

É interessante analisar o peso atribuído às etnias que imigravam ao país. Italianos, portugueses e espanhóis foram bem recebidos pelas autoridades migratórias. Os alemães, apesar de brancos, sofreram algum tipo de embaraço: o país europeu apresenta uma grande população católica (especialmente no Sul), mas também uma igualmente grande população protestante, que migrou em massa para o estado de Santa Catarina. A imigração japonesa, extensamente celebrada em São Paulo e que resultou na maior comunidade nipônica fora do Japão, foi amplamente questionada. Em 1890, o presidente Deodoro da Fonseca assinou o decreto de número 528, que determinava que a imigração de asiáticos e africanos seria autorizada apenas com a aprovação do Congresso Nacional. Oliveira Viana, imortal da Academia Brasileira de Letras, afirmou que “o japonês (fosse) como enxofre: insolúvel” (7). Uma mostra clara de preconceito.

Existiu um grande esforço por parte do Estado para o recebimento de imigrantes no país. Em muitos momentos, o Estado patrocinou a viagem dos

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso
Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

imigrantes ao Brasil, direcionou-os às fazendas de café e criou todo um aparato burocrático para recebê-los. Um exemplo disso é a Hospedaria dos Imigrantes, no bairro da Mooca, criada especificamente para receber os imigrantes vindos à São Paulo. Instalações semelhantes existiram na cidade de Nova York, em Ellis Island, e em Buenos Aires, com o Hotel de inmigrantes de La Rotonda.

Esse fluxo migratório para o estado de São Paulo e para o Sul do Brasil em geral, mudou toda a configuração social nacional. Os novos imigrantes não só contribuíram como mão de obra para a incipiente indústria nacional ou na agricultura de café, mas suas gerações futuras tornaram-se a base da classe média e da nova elite. Não são raros os exemplos de empreendedores imigrantes de extremo sucesso. Cita-se o italiano Francesco Matarazzo, que chegou a acumular a maior fortuna particular da América Latina. Atualmente, em especial nos estados de São Paulo e do Sul, são inúmeros os acadêmicos, empresários, políticos e profissionais liberais descendentes de imigrantes recentes. É difícil analisar, desta forma, como seria a sociedade brasileira sem os imigrantes. Estes tornaram-se parte intrínseca de nossa identidade.

7. Diplomacia brasileira e exemplos de profissionalismo

Existe outro consenso no Brasil: o país raramente adota posições hostis nas relações diplomáticas e é internacionalmente reconhecido pelo diálogo e pela diplomacia. Um notável exemplo recente dessa característica deu-se durante a crise do programa nuclear iraniano quando, por manter boas relações diplomáticas com as duas partes – o Irã e os Estados Unidos e seus aliados – o Brasil foi sugerido como interlocutor e mediador da crise.

Um exemplo notável de abertura ao diálogo e de profissionalismo nas relações internacionais é o brasileiro Sérgio Vieira de Mello. Sérgio foi reconhecido pela sua extrema capacidade de diálogo nos ambientes mais variados, inclusive os hostis, e com diversas personalidades: comandantes militares e líderes políticos das mais diversas orientações. O oficial da ONU participou de ações em locais conflituosos como Sudão, Kosovo, Líbano e, por fim, Iraque. Sua morte, precoce, se deu a partir de um atentado a bomba à sede iraquiana da ONU, em Bagdá. O episódio marcou a perda de uma grande

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso
Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

personalidade brasileira e, mais do que isso, um profissional que sintetizava a boa conduta nas relações internacionais, o diálogo e o multilateralismo.

8. Conclusões

A construção de um futuro progressista parte de um grande esforço mundial no sentido do desenvolvimento do diálogo, respeito e da diplomacia. Existe uma série de tratados e normas globais, que passa pelas organizações multilaterais, buscando, de forma equilibrada, o desenvolvimento harmônico entre os países. A sua plena observância depende apenas do engajamento entre as sociedades. Estas, devem buscar tornar-se cada vez mais abertas à tecnologia e à inovação. Não só isso, devem cobrar o respeito ao meio ambiente, aos refugiados e trabalhar junto aos seus governantes políticas migratórias que julguem mais convenientes, já que cada uma apresenta sua visão acerca da imigração. Isto só será possível através do diálogo que, como mostrado pelo brasileiro Sérgio Vieira de Mello, é a ferramenta social mais poderosa.

“Não sou nem ateniense, nem grego, mas sim um cidadão do mundo”

- Sócrates

9. Referências (acesso em 01/10/2017)

- (1) <http://epi.yale.edu/country-rankings>
- (2) <http://www.worldatlas.com/articles/worst-countries-for-deforestation-by-woodland-area-losses.html>
- (3) <http://www.unhcr.org/pages/4a02afce6.html>
- (4) <https://www.un.org/en/development/desa/population/migration/data/estimates2/estimates15.shtml>
- (5) <http://www12.statcan.gc.ca/nhs-enm/2011/dp-pd/prof/details/page.cfm?Lang=E&Geo1=CSD&Code1=3520005&Data=Count&SearchText=Toronto&SearchType=Begins&SearchPR=01&A1=All&B1=All&GeoLevel=PR&GeoCode=3520005&TABID=1>

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso
Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

- (6) <http://www.dailymail.co.uk/news/article-3333233/Poland-s-new-PM-says-country-not-accept-EU-quota-4-500-refugees-wake-Paris-terror-attacks.html>
- (7) http://www.usp.br/proin/download/imprensa/imprensa_integras_20_04_2009.pdf
-

Ludivine Cozette (IRI)

Temas e practicas em relaçoens internacionais: “Tendencias e riscos globais” – Ensaio

É um mundo em constante evolução e profundamente imprevisível no qual professores Dallari e Marcovitch ofereceram refletir. O objetivo deste curso é, portanto, pensar no mundo do futuro como um futuro ator e decisor das relações internacionais. Cada participante apresentou suas atividades e o papel da organização a que pertence no campo das relações internacionais, permitindo-nos questionar nosso posicionamento diante de certas questões globais.

Este ensaio tentará recorrer às diversas conferências organizadas no âmbito do curso "Temas e práticas em relações internacionais", orientado este semestre pelo tema "Tendências e riscos globais". O objetivo será apresentar essas conferências, os principais conceitos que foram desenvolvidos lá e as questões levantadas pelo tema deste ciclo de conferências, de forma crítica. Pelo termo "tendências", este tema envolve a idéia de movimento dentro das relações internacionais, os vínculos inevitáveis que se formam e distorcem entre os diferentes territórios e sociedades. Por outro lado, o conceito de risco refere-se à capacidade das organizações internacionais para superar os aspectos negativos desses vínculos e garantir a segurança de toda a comunidade humana. Através da análise dessas primeiras conferências, será necessário refletir sobre a forma como os atores das relações internacionais devem apreender essas tendências inevitáveis e imprevisíveis, preservando a segurança global.

I. Origens e características das organizações internacionais

Por ocasião desta primeira sessão, o professor Pedro Dallari propôs uma primeira abordagem às organizações internacionais e suas características comuns.

Esta sessão começa a partir de duas observações: nenhum país pode liderar isoladamente e não existe um "país mundial". De fato, as Organizações Internacionais respondem a uma demanda da sociedade humana como um todo, a da coexistência

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

pacífica entre os diferentes países e especialmente entre as diferentes comunidades. Por conseguinte, é necessário estabelecer leis e padrões internacionais comuns e reunir os líderes dos diferentes estados para resolver suas diferenças ou lutar social, político, econômico ou de saúde em conjunto para uma melhor "convivência".

Esta conferência é essencial para compreender as dificuldades que possam surgir na implementação de ações por parte dessas organizações internacionais. Ao contrário das organizações não governamentais ou corporativas, eles reúnem estados com culturas e interesses muito divergentes e devem conseguir conciliar essas disputas para estabelecer objetivos comuns e gerenciar as crises internacionais de forma eficaz. Pedro Dallari enfatiza particularmente o fato de que se o gerenciamento das relações entre nações distantes existiu por milênios, como a Bíblia pode provar, é a rapidez das transformações globais e o início do processo de globalização que levou à aparência de recursos globais que exigem gerenciamento e resposta global.

Também é interessante observar os elementos essenciais de uma organização internacional, explicados por Dallari. Deve ser formado por Estados ou outras OI e constituída por meio de um tratado internacional ao qual cada país signatário deve subordinar, independentemente da sua própria legislação nacional. As OIs podem assim defender certas especificidades da comunidade, escondidas pelos Estados, como pode ser o caso da crise dos Rohingya na Birmânia, denunciada com firmeza pela ONU. O professor também diferencia as OIs de ONGs e empresas multinacionais, que vêm da sociedade civil. As ONGs, destacadas dos interesses do Estado, têm, portanto, uma maior capacidade de atuar como alerta de alerta no caso de violações dos direitos humanos em particular. A Amnistia Internacional, por exemplo, fez isso com o destaque do caso do blogueiro saudita Raif Badawi, condenado a 1000 cívios em 2012. No entanto, eles têm menos capacidade de agir concretamente porque não têm os poderes dos OIs. Por fim, o texto de Herz e Hoffman destaca o conceito de "multilateralismo". Isso nos permite entender como a cooperação entre vários estados levou à criação de normas, leis e conceitos comuns. A introdução do direito internacional público permitiu inscrever o comportamento dos Estados em um quadro legal superior à sua soberania e estabelecer um vocabulário comum para as várias situações em risco. Penso, em particular, no termo "refugiados" que foi discutido em várias conferências e estabelece legalmente situações específicas e corrigi-las em um quadro organizado. Este texto destaca a personalidade jurídica atribuída a esses OIs, bem como a "governança global" resultante. Os riscos globais são, portanto, definidos, avaliados e muitas vezes levam à criação de uma IO especializada na gestão desse risco de forma global, como a UNICEF, que trata dos direitos das crianças no mundo.

Essas apresentações destacam a maior eficácia das IOs na gestão global dos riscos globais, porque eles são mais capazes de gerenciar situações específicas em seu campo de ação.

II. O Brasil no futuro do mundo

Esta conferência do professor Marcovitch pretende situar o Brasil no atual cenário internacional, mas também no futuro. Ele apela à nossa consciência como um jovem aluno nas relações internacionais para nos questionar sobre o nosso papel neste cenário. Como construir o futuro? Quem constrói o futuro? Ele dirige-se diretamente a

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

nós, estudantes e a nossa consciência, para que possamos ouvir os desafios deste mundo.

Primeiro, ele delineou quatro chaves principais para entender as relações internacionais. A primeira é ter uma sensibilidade para o conhecimento. Livros sempre interessados, curiosos, abertos, o importante é nunca parar de aprender e conhecer os limites do seu conhecimento para não limitar sua mente. A segunda é a necessidade de ter uma visão global do mundo que nos rodeia, estar ciente da existência de uma multiplicidade de identidade e que em outros lugares somos migrantes como os outros. Ele então definiu o espaço das organizações humanas por três noções, todas relacionadas: valores, poder e compromisso. O compromisso é a noção que me marcou particularmente porque traz a idéia de não-passividade, a idéia de afirmar suas idéias para pesar na construção do futuro. Finalmente, ele enfatizou a prioridade da ação de curto prazo, mais eficaz do que ter em conta a médio ou longo prazo.

O professor Marcovitch enfatiza a imprevisibilidade do mundo tanto em sua palestra como em seu texto. Os eventos são aleatórios e, mesmo que existam previsões feitas por institutos altamente especializados, com os melhores pesquisadores e as melhores técnicas, não podemos conhecer o futuro. O mundo, no entanto, é composto de tendências, ciclos e mudanças que já ocorreram e nos permitem analisar o curso da história para melhor se preparar para o futuro. Ele enfatizou a importância dessas previsões na gestão de riscos futuros, seja econômico, ambiental ou humano.

Saber que em 2050 a população humana aumentará para cerca de 9 bilhões é uma característica importante a ser levada em consideração. Enquanto a fome aumenta, especialmente na Somália, o gerenciamento da produção de alimentos de hoje precisa ser adaptado e modificado para melhor atender a todas as necessidades. O professor nos forneceu uma série de previsões e definições, como o custo da inação, desenvolvido por Jean-Jacques Sergent Schreiber. Parece extremamente novo e interessante na era do consumo excessivo, que está crescendo constantemente, mesmo que os recursos do mundo não o permitam.

Finalmente, esta conferência e o texto associado também permitem avaliar a posição atual do Brasil nas relações internacionais. É muito interessante observar as interligações muitas vezes invisíveis que desempenham um papel muito importante no lugar que cada estado pode encontrar nas relações internacionais. O texto explica, em particular, o vínculo entre a crise dos estados europeus e a dificuldade para o Brasil encontrar parceiros políticos e comerciais, especialmente com a perda de importância de Portugal no mundo europeu. Isso leva a um redirecionamento das escolhas do Brasil para estados geograficamente mais próximos e leva a uma reflexão sobre o papel do regionalismo. Às vezes, parece mais eficaz do que a globalização encontrar acordos e alcançar progresso, especialmente porque estão geograficamente próximos uns dos outros e, portanto, têm um melhor conhecimento de seus parceiros.

III. Tendências climáticas e acordos de Paris

Enquanto alguns teóricos caprichosos ainda afirmam que o aquecimento global não ocorre, esta apresentação sobre o meio ambiente nas relações internacionais e o acordo de Paris destacou a capacidade desses acordos multilaterais de federar países em suas concepções de certos riscos globais.

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

Parece essencial levar em consideração as mudanças climáticas na construção do futuro porque, inevitavelmente, o mundo e a distribuição dos recursos naturais mudarão. Esta fatalidade é ainda mais acentuada, já que em um planeta com mais de sete bilhões de habitantes, a segurança alimentar deve ser garantida para evitar a propagação da fome. É muito interessante ver que as relações internacionais não são apenas vínculos políticos entre embaixadores e chefes de Estado que negociam para encontrar acordos. De fato, é lembrado que o papel dos cientistas não deve ser ignorado no estabelecimento de certos dados, como o nível de temperatura, a fim de possibilitar as observações mais objetivas e alcançar os acordos mais adequados para essas mudanças climáticas para reduzir realmente a escala.

Da mesma forma, a conferência climática de Paris não teria sido possível sem esses estudos científicos. De fato, o acordo encontrado permitiu avaliar a Terra como um todo compartilhada por todas as comunidades humanas. Todo Estado tem a sua responsabilidade no aquecimento global, e a minha consciência estudantil europeia tem sido particularmente afetada pelo fato de que, se os países ricos e, em particular, a França, parecem fazer o máximo para agir contra o aquecimento global e são, portanto, menos contaminados, é porque, na realidade, são empresas dos mesmos países ricos que poluem nos territórios mais pobres.

Este acordo de Paris é, portanto, revolucionário porque leva em conta pela primeira vez a distribuição do impacto ecológico de cada estado em todo o mundo e não dentro de cada estado. É uma globalização deste risco que ocorre e dispor desses dados é essencial para um estudante em relações internacionais, a fim de ser o mais objetivo possível no tratamento de acordos climáticos. No entanto, essas previsões permanecem incertas e o risco não pode ser negociado com precisão. Na minha opinião, a liberdade de contribuir para este acordo é uma boa medida.

De fato, permite aos países mais pobres participar de acordo com seus meios, mas também integrar estados realmente motivados para agir contra o aquecimento global. Por conseguinte, estão mais inclinados a aceitar as transferências de tecnologia de outros Estados para melhorar a situação geral.

Finalmente, também deve notar-se que o Brasil desempenha um papel decisivo nos processos de reflexão e nos vários acordos climáticos vigentes desde a década de 1980. O desmatamento da floresta amazônica, o "pulmão" de terra, é uma das questões mais importantes a abordar porque leva a um aumento nos gases de efeito estufa no Brasil, mas também tem repercussões no ritmo do planeta. A natureza pode ser vista como uma tendência global, é um movimento perpétuo que sempre deve ser observado porque é o futuro de nossas condições de vida.

IV. Tendencias migratorias e a Declaração de NY

Esta conferência da Beatriz Nogueira, Coordenadora do Comité Nacional para os Refugiados, lançou as bases para o estudo do estatuto de refugiado e a situação actual ao nível global. Entre as guerras no Oriente Médio, conflitos armados, catástrofes naturais e estados ditatoriais, cada vez mais fechados e ameaçadores pelo respeito dos direitos humanos, penso particularmente em Eritreia, deslocamentos forçados através do mundo estão crescendo

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

O estatuto de refugiado foi estabelecido pela Convenção de Genebra em 1951, mas só foi efetivo após o Protocolo de Nova York de 1967, o que tornou universal. Todos os Estados signatários reconhecem o dever de proteção internacional a todas as pessoas declaradas como refugiadas, isto é, incapazes de retornar ao seu país de origem. Isso se refere à idéia de risco global porque é uma tendência migratória que cresce ano após ano devido a maiores riscos, seja em termos de guerra, desastres naturais ou violação de direitos humanos, homem. Esses riscos são globais porque podem afetar qualquer parte do globo, mas acima de tudo porque eles têm repercussões globais. Por conseguinte, era necessário que o estatuto de refugiado fosse estabelecido e reconhecido pelo direito internacional como um problema internacional que afecta a totalidade da sociedade humana. Também marca a diferença com o termo "migrantes", que se refere a qualquer pessoa que decida de forma sustentável em outro país do que seu país de origem e não esteja protegida pelo direito internacional.

Nesse contexto, Nogueira faz um balanço da situação atual dos refugiados no mundo, uma realidade muitas vezes ignorada ou, pelo menos, obscurecida pelos cursos de relações internacionais, baseando-se mais em conceitos do que em fatos. Com mais de quarenta milhões de pessoas deslocadas forçadamente no mundo, esse é o maior volume de deslocados desde a Segunda Guerra Mundial. Ela aponta o número impressionante de refugiados, bem como a situação deles. De fato, eles freqüentemente vão para países da fronteira onde são colocados em casos enquanto esperam uma situação melhor, mas onde suas condições de vida são muito degradadas e favorecem a propagação de doenças como o cólera.

É interessante questionar o papel do Brasil na recepção dessas pessoas. Nogueira compara o tamanho do território do Brasil com o número de pessoas atualmente em situação de deslocamento forçado no mundo. Nesse sentido, parece claro que o Brasil, dado seus meios, poderia acolher muito mais refugiados do que já é o anfitrião. No entanto, é apropriado considerar que essa tendência representa um risco para os países, provado ou não, e leva-os a adotar uma política comunitária de segurança nacional, especialmente com o crescente medo do terrorismo. É o resultado dos atores internacionais de que vamos pertencer no futuro trabalhar nessas percepções e mostrar aos Estados as vantagens em vez das dificuldades de acolher migrantes, especialmente desde que não é um problema de Estado, mas um problema global.

V. Tendencias migratorias e politica de inserção - Politica de Asilo: a experiencia Canadense

O Cônsul Geral do Canadá, Stéphane Larrue, apresentou, eu acredito, a conferência mais humana neste ciclo. Nunca se esqueça de que as relações internacionais são acima de tudo um assunto humano. Além das cotas, os riscos globais exibidos em todos os jornais, seja o aquecimento global ou o terrorismo, nunca devemos perder de vista a dimensão humana dessas questões.

Seu papel como diplomata tem sido freqüentemente associado à gestão de migrantes, incluindo refugiados, seja na Guatemala no processo de paz pós-guerra civil ou em Hong Kong após os eventos na Praça Tien An Men. Ele insistiu muito na distinção entre esses dois termos, porque agora é primordial em um mundo marcado por migrações sem

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

precedentes. Como vimos, a noção de refugiado refere-se mais à idéia de perseguição e, portanto, requer maior proteção do que a noção de migrante

Como francês, essa distinção é de grande interesse para mim porque levanta um tabu sobre o termo migrante. Em França, o termo é muito pejorativo e associado, em particular por partidos de extrema direita, com pessoas que se aproveitam do "país dos direitos humanos" e que devem retornar ao seu país, tão perigoso quanto é a situação. O termo migrante é muito hipócrita associado a estrangeiros pobres e o termo "expatriado" é preferido para migrantes mais ricos, sejam franceses estrangeiros ou estrangeiros na França.

Primeiro, Larrue apresentou portanto sua experiência como diplomata que nos permitiu compreender melhor que uma das qualidades essenciais para fazer este trabalho é a adaptabilidade. Os diplomatas podem ser enviados a qualquer país do mundo por um período de tempo indefinido, a fim de lidar com situações das quais têm muito pouco conhecimento. Ele então deu uma atualização sobre a história do Canadá e da imigração. Embora o Canadá tenha sido uma terra de migração por séculos, nem sempre foi imune aos preconceitos racistas de políticas migratórias discriminatórias e, no início do século 19, por exemplo, proibiu o acesso à Ásia. Para riscos de segurança, ele também se recusou a assinar a Convenção de Refugiados em 1951 e aceitou isso apenas em 1969. No entanto, a política de migração do Canadá é muito ativa e em evolução, a fim de oferecer a melhor recepção possível aos refugiados. Assim, abriu o acesso ao território para mais de 40 mil sirianos e o Canadá é hoje o líder mundial do recuento dos refugiados no mundo. Em colaboração com o ACNUR e com entidades privadas, o apoio aos refugiados é tanto financeiro como social com a prestação de assistência médica por exemplo. Todos os esforços são feitos para garantir que cada comunidade, seja estrangeira ou canadense, possa coexistir tanto quanto possível.

Na minha opinião, este modelo é um verdadeiro exemplo de integração de refugiados. O Canadá tenta levar em conta as especificidades de cada país, a fim de adaptá-los e torná-los um verdadeiro membro da nação canadense. Além disso, o planejamento de acolhimento de refugiados do ACNUR é muitas vezes bem respeitado para evitar longas listas de expectativas e o Canadá depende do apoio direto de sua própria população. Isso mostra o respeito que pode ser dado aos refugiados e que cada país anfitrião deve mostrar. No entanto, é necessário levar em conta a situação econômica privilegiada do Canadá, que é uma vantagem significativa para a melhor recepção de refugiados.

VI. Tendencias migratorias: memoria e identidade - Historia dos migrantes

Depois de estudar o conceito de refugiado, Marília Bonas nos apresentou o Museu de Imigração de São Paulo e, acima de tudo, o papel histórico e social que pode desempenhar, até hoje, na preservação dos laços entre comunidade e criação de uma verdadeira "memória" de migrantes.

Esta conferência nos deu uma grande quantidade de informações sobre a história dos migrantes no Brasil, que foi guiada pelo passado colonial do país e pelas políticas migratórias estabelecidas diretamente pelo governo desde 1885. A chegada dos migrantes foi inicialmente subsidiada pelo estado porque era muito desejado para

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

encontrar mão-de-obra que pudesse trabalhar nas culturas de café. Mas, no início do século XIX, uma concepção higienista, preconceitos racistas e uma modificação das relações de poder econômico levaram o Estado a exercer o controle social sobre essa imigração e já não a subsidiaram. Isso torna mais difícil entrar no país e o Estado não hesitava em exercer repressão.

Nesse contexto, é necessário fazer um balanço da figura do migrante na sociedade brasileira. O último é percebido como um "empresário", isto é, ele sempre se inscreveu em um contexto de avanço social e integração bem-sucedida. Este é, de qualquer modo, um dos mitos fundadores da idéia do migrante no Brasil, que pode ter dado origem a conceitos como o de "democracia racial", definido por Gilberto Freyre e mencionado no texto em Stuart Hall. Ela invoca a ideia de que todos os migrantes são sempre bem-vindos e integrados quando ele chega no Brasil. Deve-se notar, no entanto, que os migrantes no Brasil também são vítimas do racismo institucional e que, na chegada, tendem a se reagrupar entre as comunidades do país de origem, para facilitar a sua integração.

Por outro lado, Marília Bonas descreveu a situação dos migrantes com mais humanidade. Se, ao contrário dos refugiados, reconhecidos e protegidos pelo direito internacional, não são obrigados a deixar seu país, eles enfrentam as mesmas dificuldades que os refugiados. Marília, no entanto, não acentuou esse status de refugiado e preferiu usar o termo migrantes, obscurecendo a situação às vezes favorecida de alguns. Este termo está sempre associado a uma migração pobre e forçada devido a perseguições políticas ou religiosas. As qualidades que um migrante teria que demonstrar seria coragem, resiliência e adaptabilidade às circunstâncias. Em outras palavras, não é uma aventura turística.

Finalmente, gostaria de notar a originalidade desta apresentação pelo fato de que este historiador trabalha em um museu, o que nos convida a questionar o lugar da cultura na construção ou reconstrução das mentalidades de uma determinada sociedade. Para citar o texto de Bonas, "o imigrante se constrói na cultura de origem, se reconstrói na cultura de destino". O Museu da Imigração, em particular, permite que os migrantes ou descendentes de migrantes questionem suas origens e por que não renovar seus vínculos com suas comunidades ou criar novos laços entre comunidades, o que parece necessário em um mundo onde as tensões relacionadas à imigração são muito altas. Entender o outro é o melhor caminho, na minha opinião, para parar o medo do outro e viver o máximo possível em harmonia.

VII. Conflitos armados e a promoção da paz : Sergio Vieira de Mello

Sem dúvida, esta última exposição foi uma oportunidade para eu questionar minha possível vocação para o campo das relações internacionais. Sergio Vieira de Mello nos foi apresentado quase como um super-herói de relações internacionais. Eu acredito que se é difícil julgar o bem da vida de um homem em uma hora, sua trajetória profissional e seu compromisso extremamente humano são pelo menos muito inspiradores.

Primeiro, foi uma apresentação de suas várias missões em países que procuram a independência, como Moçambique ou Timor Leste. Agradei o fato de que a instabilidade política é acentuada e não o status de um país pobre nesses estados. Mesmo que a situação econômica de um país seja, sem dúvida, um vetor de

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

instabilidade política, é sobretudo a reconstrução de vínculos humanos e pacíficos que Sergio trabalhou.

De fato, longe de qualquer consideração técnica e administrativa sobre o funcionamento das missões da ONU, este documentário nos mostrou que a ação direta no terreno, em contato com as populações locais, era a melhor maneira de resolver situações de conflito. Sergio Vieira de Mello tentou entender essas pessoas e seus desejos antes de tomar qualquer decisão, particularmente no que se refere à deslocalização de certas populações refugiadas em seu país de origem. O plano de repatriamento do Alto Comissariado para Refugiados para o Camboja não funcionou e Sergio conseguiu resolver a situação aliviando as tensões com os Khmers e reunindo as famílias. Seu trabalho parecia ser uma verdadeira vocação para ele e acredito que esta é a melhor maneira de garantir a adequada implementação dos direitos humanos.

Finalmente, este documentário também permite compreender, por um lado, que o multilateralismo eo apoio de uma organização internacional como a ONU são necessários para resolver certos problemas locais, porque é uma questão de garantir o respeito dos direitos humanos a toda a sociedade humana. Por outro lado, tenho a impressão de que as Nações Unidas às vezes ultrapassam o direito à autodeterminação dos povos e atuam como uma força de ocupação e não como uma ajuda externa. Isto é mostrado com a situação no Iraque e a resolução 1483, que quase permite governar o país e impor a sua lei. A visão de Sergio Vieira de Mello da ONU como uma organização humanitária acessível às populações parece-me assim mais construída e mais eficaz para garantir um futuro pacífico às populações que emergem em particular de um período de grande instabilidade política ou até guerra em seu país .

Conclusão

Após este primeiro ciclo de conferência, só posso notar meu crescente interesse no campo de estudo das relações internacionais. As duas primeiras conferências nos permitiram lançar as bases para os principais conceitos de relações internacionais e, acima de tudo, os professores imediatamente nos consideraram não como alunos, mas como atores reais nas relações internacionais. Essa confiança em nossas habilidades só despertou meu desejo de aprender mais. O tema estudado este ano, "Tendências e riscos globais", foi assim muito bem introduzido pela apresentação de um mundo profundamente instável e em movimento perpétuo. Nosso papel é, portanto, entender esses mecanismos, para exercer um mínimo de controle sobre todas essas mudanças políticas, econômicas, sociais ou climáticas.

A continuação deste ciclo de conferência começou com uma apresentação da Declaração de Paris sobre o Clima, que forneceu uma atualização sobre a atual situação climática e as soluções que esta declaração está tentando trazer. Como jovens estudantes, às vezes nos distanciamos das realidades dessas negociações apesar de estar em relação ao nosso futuro. Por isso, é importante que tenhamos as chaves para este mundo de relações internacionais, se quisermos agir depois e esta conferência me fez querer aprofundar minha pesquisa depois.

As outras conferências foram muito focadas nos conceitos de refugiados e migração. Estamos em um período em que, com a globalização, os movimentos das pessoas

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

podem assustar algumas pessoas da chegada de estrangeiros em seu país, apesar de ser um processo que tem acontecido há milênios. Nós somos todo o estranho de outra pessoa e achei essas palestras absolutamente fascinantes para entender o caminho de um imigrante, tanto mental como administrativo, e especialmente para a desconstrução deste termo, bem como o de migrantes. É essa mistura de culturas que faz viver o nosso mundo, e ter medo só irá piorar a situação. Nessas exposições, as guerras e os riscos globais foram percebidos de forma mais geral como realizações, algo que não pode ser evitado. No entanto, o tratamento dos migrantes e dos refugiados é um problema que pode ser resolvido através do conhecimento e uma melhor percepção dos benefícios que podem trazer, para tranquilizar os estados e encorajá-los a investir mais, ou pelo menos tanto quanto como suas capacidades lhes permitem, em políticas de imigração e integração.

Por fim, queria expressar o meu grande prazer em poder participar deste primeiro ciclo de conferências com pessoas com perfis muito diversos e interessantes que me permitiram questionar minha própria vocação e meu papel a desempenhar em o futuro deste mundo.

Referências Bibliográficas

BONAS, Marília. “Imigração e refúgio no Brasil e no mundo hoje: a hora e a vez dos museus”, 2017.

DOLCE, Julia. “Brasil de Fato: Brasil deve avançar na integração de refugiados, dizem especialistas”. Disponível em http://www.conectas.org/pt/acoes/midia/noticia/48310-brasil-defato-brasil-deve-avancar-na-integracao-de-refugiados-dizemespecialistas?gclid=EAlalQobChMIhO_nuajt1QIVD4CRCh0oKgu8EAAYASAAEglg5fD_B wE. Acesso em: 20 Junho 2017

HERZ, Mônica; HOFFMAN, Andrea R. “Organizações Internacionais: história e práticas”. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. 10ª reimpressão.

KIRCHOF, Edgar Roberto; WORTMANN, Maria Lucia; ZUBARAN, Maria Angélica. “Stuart Hall e as questões étnico-raciais no Brasil: cultura, representações e identidades”. Projeto História, São Paulo, n. 56, pp. 9-38, Mai.-Ago. 2016.

MARCOVITCH, Jacques. O Brasil no Futuro do Mundo. Ciclo “Futuro do Presente - O Brasil Imaginado”, 2013.

Túlio Bicego Vieitez de Almeida (POLI)

Primeiro ensaio – **Imigrantes para o futuro**

Introdução

O curso de “Temas e práticas internacionais” oferecido pelo IRI aos alunos de graduação da USP busca ampliar a capacidade de abstração e debate sobre problemáticas que afetam o mundo todo.

A abordagem de temas envolvendo meio ambiente, direitos humanos, economia e política social foi resultado de sete aulas ministradas por convidados com um olhar mais apurado e próximos de questões globais muito correlacionadas e ainda sim sob óticas distintas. Cada aula trouxe em sua essência um pouco da fórmula de infinitas variáveis que nos ajudará a enfrentar o futuro.

Dado luz a um pensamento mais crítico e bem embasado, tornou-se possível elaborar este ensaio que pretende usar da discussão proporcionada pelos convidados para ir além do que já foi abordado em aula.

Redes de monitoramento, comunicação e resolução

Em um mundo cada vez mais enrolado nas teias da comunicação, os problemas de um acabam por se estender a todos. Nesse contexto de globalização, as organizações multilaterais ganham destaque na concepção de saídas integrativas entre países com interesses e lógicas governamentais muitas vezes divergentes para as mazelas comuns. As OI possuem papel imprescindível na formulação de regras internacionais e políticas públicas que uniformizam o tratamento de tais obstáculos. Existem inúmeras OIs, que defendem todo tipo de direito como o acesso a educação, saúde, direitos humanos, autonomia e soberania, fauna e flora, crianças, refugiados.

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

A OMS, Organização Mundial da Saúde subordinada a ONU, Organização das Nações Unidas, é um ótimo exemplo de organização internacional multilateral. É comum de se ouvir e ler nos jornais e notícias sobre resoluções da OMS adotadas no Brasil, ou seja, protocolos internacionais elaborados por representantes de diversos países com o objetivo de criar parâmetros a serem seguidos para elevar ao máximo o bom estado biopsicossocial. A OMS é formada por mais de 190 países que se comprometem em assegurar saúde integral às pessoas. Uma organização de saúde grande, influente e articulada evidencia sua importância em casos como o do vírus Ebola, na África. A OMS é a grande protagonista no controle e erradicação da doença, cria meios de fornecer ajuda humanitária e provê condições de sobrevivência e tratamento aos países assolados por tal tragédia. Além disso monitora o caminho da epidemia, fiscaliza seus desenrolares e é responsável pela criação de estratégias de ataque ao problema.

Talvez o grande diferencial das organizações que possuem atuação de diversas nações seja a capacidade de comunicação e atualização de informações, já que no dinamismo contemporâneo o constante reposicionamento frente aos assuntos que afetam a todos faz-se necessário. O grande desafio, porém, é chegar a consensos, chegar a resoluções que agradem a todos sem que se desrespeitem as diferenças étnicas, estéticas e culturais.

Não se deve passar por cima da identidade de um povo.

Sobre como superar esses desafios de modo pacífico e permanente, Sérgio Vieira de Mello é um exemplo a seguir. O ex-comissionário da ONU foi apresentado na sétima aula através do documentário “Sérgio Vieira de Mello: a caminho de Bagdá”, usando de sua história inspiradora para mostrar que é possível resolver conflitos de forma pacífica, na base dos bons relacionamentos. Seus trabalhos em diversos países com situação política instável como Moçambique na transição de poder após uma violenta guerra civil, ou Timor

Leste após sua independência da Indonésia, são um arquétipo de diplomacia. Como disse Jonathan Prentice, assistente especial da ONU no Iraque em 2003 e amigo de Sérgio, no documentário “it’s not what he did, but how he did”.

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

O que o Brasil quer ser quando crescer?

Tendo em vista alguns dos diversos dos desafios que apontam, o professor Marcovitch teve como foco de palestra o direcionamento das cabeças presentes ao futuro do Brasil, deixando claro que o país pode vislumbrar um porvir incrível. Desde que haja ciência das próprias limitações, para que se possa superá-las, de seus riscos no caminho, para conseguir contorná-los, e do que lhe é obsoleto, para poder desenvolver o novo, a locomotiva auriverde segue seus trilhos impassível.

A tecnologia, como catalisadora da evolução, merece um investimento de dinheiro, trabalho, discussão e iniciativa a mais, fomento especial, afinal, vivemos uma Revolução Digital. As fronteiras da inovação são frequentemente limitadas por um Estado pouco estratégico e adaptável. Essa inflexibilidade é decorrente de pouco diálogo entre as organizações de poder que engessam suas posições e orientações. A estagnação é fruto de más decisões de origem sociopolítica e econômica, como crises de confiança nas lideranças, endividamento, protecionismo ou mesmo uma democracia frágil.

Instituições democráticas são fundamentais no desenvolvimento de uma nação, o próprio Sérgio Vieira de Mello acreditava nelas, juntamente com o combate à censura e acesso a informação objetiva, como meios de mediar conflitos políticos.

O Brasil ainda é um país imaturo, que ainda erra muito e precisa aprender com tais falhas. Muito se fala sobre uma democracia jovem, mas, mais do que isso, trata-se de uma “democracia birrenta”. Em um artigo de opinião baseado nos estudos do renomado psicólogo Lawrence Kohlberg, Daniel Martins de Barros, psiquiatra e professor colaborador da FMUSP (Faculdade de Medicina da USP), faz um paralelo entre os níveis de desenvolvimento dos julgamentos morais de um ser humano com o amadurecimento da democracia. No nível préconvencional (típico de crianças) o parâmetro existente para avaliar o certo e o errado é o benefício próprio, e é nessa fase, de birra, que se encontra a democracia brasileira. Somos uma sociedade egoísta e isso nos atrasa muito, a equidade entre as pessoas é uma das chaves do futuro.

Ainda há um longo caminho a percorrer no tempo para que o Brasil evolua e cresça que passa pelo amadurecimento da sociedade. Perceber o quão complexo pode

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

ser distinguir o certo do errado, o bom do ruim é ter como opção o desenvolvimento sólido e seguro.

Batata quente

A natureza entende o mundo como uma coisa só, não respeita nossas fronteiras artificiais e pune a todos quando é agredida. A questão climática é um dos mais alarmantes e complexos temas que devem ser negociados por inteiro, por todos. Enquanto o mundo for refém da vontade de alguns poucos que sugam descontroladamente os recursos da natureza em nome de um ideal de vida insustentável as mudanças climáticas globais tendem a permanecer e, pior, ficarem mais frequentes e graves.

A batata quente que passa de mão em mão entre os países que mais destroem e alteram a natureza está queimando. Os Estados Unidos anunciaram em Junho deste ano sua retirada do Acordo de Paris, um documento histórico assinado por 195 países que, dentre os principais pontos, estava a diminuição de emissão de gases de efeito estufa a fim de controlar o aquecimento global, objetivando limitá-lo em 1,5°C. Foram desconsideradas as responsabilidades dos incômodos causados por sua indústria e estilo de vida de sua sociedade.

O Brasil é ambicioso na sua contribuição para a reversão desse horizonte tenebroso, pretende diminuir em 37% a emissão de CO2 até 2025. Por outro lado, a agropecuária avança na Amazônia, o uso de pesticidas tóxicos não param de crescer e contaminar pessoas, alimentos e rios, animais são comercializados e espécies são extintas. Segundo artigo de Mark Urban, “Accelerating extinction risk from climate change”, se a temperatura da superfície terrestre subir dois graus celsius, 5,2% das espécies de seres vivos, dentre plantas, mamíferos, répteis, invertebrados e etc, seria extinta. Mas Thelma é prova de o Brasil não quer segurar a batata fumegante ao ter sido exonerada de cargos do governo por divergências ideológicas ao sinalizar ações em prol da preservação e proteção do nosso quintal, a Amazônia.

Nesse cenário guiado para um colapso do meio ambiente, atores como Thelma Krug, cientista engajada em políticas internacionais para a proteção do meio ambiente e

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

grande colaboradora do governo brasileiro para a qualidade ambiental, são um reflexo na escuridão. Na aula dada por ela nesse curso, fica claro como o monitoramento do clima ganhou importância no âmbito internacional, desde a Convenção do Clima de 1992, quando ainda não havia certeza da influência do homem nas mudanças observadas no planeta, até hoje.

Mesmo assim há muito a ser feito e discutido.

A cientista expôs a responsabilidade antrópica no aumento dos gases de efeito estufa desde a revolução industrial. O painel intergovernamental de controle climático da ONU, o IPCC, do qual Thelma é vice-presidente, vê hoje como inequívoca a influência do homem no desenrolar dos riscos ambientais. A Holanda, por exemplo, vê todo dia o oceano ameaçando afundar sua civilização, vê o nível do mar aumentando consequência do degelo das calotas polares. O governo de Tuvalu, pequena ilha que será engolida caso esses temíveis dois graus a mais venham a se concretizar, já possui planos caso seja necessário deslocamento de seus habitantes.

O grande desafio é conciliar agricultura com segurança alimentar, desenvolvimento com sustentabilidade, ser humano e natureza. Os meios são claros: a informação e pesquisa são as armas mais poderosas nas negociações referentes ao clima.

Nômades, por ora

Em um dos mais famosos livros de Nietzsche, Para além do bem e do mal, o autor faz uma reflexão em relação ao controle sobre os acontecimentos de sua vida. “Fui eu que o fiz”, diz a minha memória. ‘Não posso ter feito isso’, - diz o meu orgulho e mantém-se inflexível. Por fim - é a memória que cede.” Por meio deste curto diálogo entre memória e orgulho há uma evidente tentativa de manipulação da realidade para corrigir o passado.

Durante anos o orgulho brasileiro sobrepujou a memória de muitos, com o intuito de criar uma história mais conservadora e bonita dos seus imigrantes do século XIX e primeiras décadas do XX, responsável pelo imaginário popular do imigrante bem recebido e satisfeito por encontrar onde trabalhar e viver seguro. Que foram empreendedores natos corajosos e que isso pesou para seu sucesso futuro. Mas, não se

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

migra pela aventura. Nem sempre se fala que chegaram aqui enganados e endividados, sendo tratados como uma massa de trabalho barato e vulnerável.

A seleção do que merece ser lembrado tem em sua fórmula o ideal de um imigrante, ou, como escrito na “Lei de cotas de 1934” da era Vargas, o “imigrante desejado”. O governo de Getúlio Vargas, famigerado também pelo rigor a entrada de estrangeiros no país, fixou limites anuais do número de pessoas por país, tendo como imigrante desejado o europeu branco católico, já os asiáticos, árabes, judeus eram vistos como ameaças ao “ideal do branqueamento racial”, eram os “indesejados”. É interessante ressaltar que as decisões sobre a questão imigratória, fruto da crise de 29 e do desemprego galopante, não foram uma política de governo, mas sim resultado de uma Assembleia Nacional Constituinte e de muita pressão pública guiada por uma elite intelectual. Raramente o país da miscigenação é associado a um filtro eugenista e racista, o brasileiro faz então as vezes de Nietzsche e diz: 'Não posso ter feito isso'.

Entretanto, ainda nos restam os museus. Como dito por Marília Bonas, “Museus são espaços de poder”, capazes de provocar intensas situações meditativas, de usar a memória para implementar valores no presente. Em sua palestra, Marília contou muito sobre sua trajetória na direção dos museus paulistas que teve como força propulsora a vontade de dissuadir da imagem rasa dos imigrantes, importante para entender e enfrentar os problemas da imigração hoje.

Os deslocamentos internos e externos são causados por inúmeros motivos, os mais comuns são as guerras, perseguições de várias naturezas, crises econômicas e políticas, a nova Divisão Internacional do Trabalho, entre outros. O mais recente relatório elaborado pela ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados), o chamado ‘Tendências Globais’, revela que os deslocamentos forçados ainda crescem, em 2016 cerca de 65 milhões de pessoas se enquadram na definição de refugiado. Na aula conduzida por Maria Beatriz Nogueira, ficou óbvia a necessidade da distinção: um migrante é alguém que se desloca, muda-se por tempo indeterminado e porque quer, já o refugiado é aquele que sai de seu lugar porque precisa. Tal fuga é resultado das perseguições políticas, ideológicas e religiosas, além das guerras, o migrante locomove-se por algum motivo que não seja perseguição.

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

Refugiados possuem base de proteção jurídica desde a Convenção de Genebra de 1951, mas a Declaração de Nova Iorque é o mais novo grande passo para frente na questão migratória mundial. Nela foram feitos pactos globais a respeito dos migrantes forçados, garantindo direitos humanos e apoio de agências de desenvolvimento e instituições financeiras.

A Síria é a situação que mais desponta quando se pensa em refugiados. É comum ver famílias inteiras em caravana peregrinando em direção à Europa, que resiste em aceitá-los. Maria Beatriz contribuiu para desviar nossos olhos para o resto do mundo nesse assunto. Curiosamente os países que mais recebem essas pessoas são a Turquia e Líbano, no entanto não se ouve falar deles. Na Colômbia há mais deslocados internos, vítimas das FARC (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia), que refugiados sírios, mas poucos sabem. O Sudão do Sul vive caos e fome, mas só quem recebe seus refugiados parecem se importar. A Síria é um caso urgente, mas a questão migratória vai muito além do Oriente Médio.

O Brasil também recebe muitos estrangeiros, sendo que maioria vem da conturbada vizinha Venezuela, do devastado Haiti e de países africanos. Apesar da lei brasileira de refúgio que estabelece parâmetros para definir, aceitar e regularizar a situação desses viajantes, as solicitações de asilo que crescem todo ano sofrem com a falta de investimento e com a indiferença da população diante dos refugiados, pode ser que o fantasma do “imigrante ideal” ainda nos assombre. Mas há quem saiba que socorrer esses necessitados pode ser disparador de um “feedback positivo”.

Na contramão dos EUA, que fecharam suas portas a imigrantes e refugiados, está seu primo Canadá, exemplo de como é possível tirar proveito das piores situações. As consequências dos fluxos imigratórios ditam alguns desafios. Como garantir que essas pessoas em condição tão vulnerável tenham oportunidade de reconstruir suas vidas em um outro lugar e possam ao mesmo tempo contribuir com seu anfitrião? Stéphane Larue, cônsul geral do Canadá em São Paulo, contou em sua aula que desde o final da Segunda Guerra o Canadá decidiu que não podia recusar abrigo e proteção às pessoas que precisam de ajuda. Ele deixou claro também que não é suficiente apenas aceitar essa gente, é necessário integrá-la na sociedade, fazendo deles parte da cadeia produtiva canadense. Os caminhos para isso demandam muito apoio da comunidade

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso
Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

local, investimento e planejamento. O governo canadense hoje é campeão em assimilação de refugiados, consequência de políticas de inserção básica como acesso ao sistema de educação e de saúde, capacitação e credenciação profissional, e da garantia de conservação de identidade cultural. O jovem Brasil tem muito a se espelhar no já experiente Canadá.

Referências

1. Urben, M. - “Accelerating extinction risk from climate change” Acesso em 3 de Outubro de 2017, disponível em: <http://science.sciencemag.org/content/348/6234/571.full>
2. Sérgio Vieira de Mello – Pensamento e memória. Acesso em 3 de Outubro de 2017, disponível em: <http://www.usp.br/svm/index.php>
3. Refúgio no Brasil – ACNUR Acesso em 3 de Outubro de 2017, disponível em: http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2010/Refugio_no_Brasil.pdf
4. O Brasil no futuro do mundo – Jacques Marcovitch. Acesso em 4 de Outubro de 2017, disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3867530/mod_resource/content/1/ABL_Revista%20da%20Academia%20Brasileira%20de%20Letras%20-%20Futuro%20do%20Brasil%20no%20Mundo_JMarcovitch_publicad_o_.pdf

Melhores ensaios – 1ª Parte do Curso
Temas e Prática em Relações Internacionais 2017

5. Geraldo, E. A “lei de cotas” de 1934: controle de estrangeiros no Brasil -
Cad. AEL, v.15, n.27, 2009